

## **Leitura do Seminário 1 – Lacan** **Os escritos técnicos de Freud**

“nossos atos falhados são atos que são bem sucedidos, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam” (Lacan, Seminário 1, pág. 312)

**Coordenação**  
**Alessandra Santos Silveira**  
**Carina Andrade Argolo**

**2015/2, 2016 e 2017/1**

**Aracaju, 31 de julho de 2017**

## **Sumário**

- I - Colaboradores da Leitura do Seminário 1 de Jacques Lacan – pág. 1**
- II - Contexto histórico – pág. 2**
- III – Resumo (abertura, Cap. 1 ao Cap. 22) – pág. 2**
- IV - Alguns termos em alemão – pág. 45**
- V – Outras referências bibliográficas – pág. 46**

## **I - Colaboradores da Leitura do Seminário 1 de Jacques Lacan**

*Coordenação: Alessandra Silveira e Carina Andrade*

*De 2015/2 a 2017/1*

1	Carina Andrade Argolo
2	Alessandra Silveira
3	Maria Robevânia Souza
4	Marcle Rejane de Santa Rita
5	Ricardo Lemmers
6	Izael Dias da Silva
7	Acácia Maria Teixeira dos Reis
8	Bruno de Araújo Passos
9	Fabíola de Almeida Dias Alves
10	Elaine Mesquita de Souza
11	Gabriela Fontes Barreto
12	Deysiane Tavares de Melo
13	Márcia Regina Polido
14	Hortência de Oliveira
15	Isabella de Souza Santos
16	Esther Maynard
17	Aldenôra Vieira
18	Vânia Pochar
19	Rafaela F. Alves
20	Marília Souza Leão Menezes
21	Geiza Prudente
22	Eduardo Ruriz
23	Thaís Aragão Santana
24	Lívia Melo
25	Elaíne Sibaldo
26	Laíze Souza Barreto
27	Manuela Araújo Melo
28	Isaque dos Santos
29	Solange Guedes
30	Renata Monique Freire Souza

## **II - Contexto Histórico**

Em 1951, a Sociedade Psicanalítica de Paris (S.P.P.) começa a levantar questões sobre as sessões curtas de Lacan.

Em 1951, 1952 e 1953, Lacan explicou, durante alguns seminários, que a redução das durações das sessões, bem como o ritmo menos frequente, tinha um efeito de frustração e ruptura cuja ação era benéfica para o paciente.

Era visível que Lacan não se curvava às técnicas em vigor na IPA.

Segundo estas regras, as análises deviam durar pelo menos quatro anos, com quatro ou cinco sessões semanais de, pelo menos, cinquenta minutos.

As exigências de submissão a estas regras eram feitas principalmente para as análises didáticas. Essa recusa em obedecer à regra comum era considerada nefasta pelo conjunto de titulares da S.P.P.

Em janeiro de 1953, Lacan é eleito presidente da S.P.P.

Seis meses depois ele demite-se para se associar a Sociedade Francesa de Psicanálise (S.F.P.) com D. Lagache, F. Dolto e outros.

Com a criação da S. F. P., os membros estavam em uma situação delicada porque queriam o reconhecimento da IPA como sociedade pertencente a esta associação, mas todos sabiam que Lacan não cumpria as regras-padrão da duração das sessões.

1953-4: No Hospital Sainte-Anne, Lacan conduz seus seminários todas as quartas-feiras para um público de estudantes e profissionais da psicanálise, e realiza apresentações de pacientes todas as sextas-feiras.

O primeiro seminário transcrito foi o 1: "Os escritos técnicos de Freud".

## **III- Resumo**

### **Abertura**

Durante abertura do Seminário 1, Lacan expõe que o mestre não ensina ex-cátedra uma ciência já pronta, dá a resposta quando os alunos estão a ponto de encontrá-la.

Esta forma de ensino é uma recusa de todo sistema. Lacan acredita ser um erro reduzir o pensamento de Freud a palavras gastas, pois funciona como uma dialética, só se apreende essas noções situando-as no seu contexto.

Com a interpretação dos sonhos, a história do pensamento adquire outro sentido, pois o que está em questão é a subjetividade do sujeito, seus desejos, sua relação com o meio, com os outros e com a própria vida. Lacan se propõe neste seminário a reintroduzir o registro do sentido.

Freud afasta-se de uma linguagem já formada, da má linguagem, e considera a noção de sujeito. Para considerar a noção de sujeito introduz-se a si mesmo em causa e acredita que só fará progressos na análise das neuroses se se analisar.

O ideal da análise não é o domínio completo de si, a ausência de paixão. É tornar o sujeito capaz de sustentar o diálogo analítico, de não falar nem muito cedo, nem muito tarde. É a isso que visa a análise didática. A descoberta de Freud é a redescoberta, num terreno não cultivado, da razão.

### **Cap 1- Introdução aos comentários sobre os escritos técnicos de Freud**

Lacan situa os escritos técnicos em textos que vão de 1904 a 1919 e cujo título indicava que seu tema era o método psicanalítico. Estes textos testemunham uma etapa no pensamento de Freud.

O começo dessa etapa deve ser situado entre 1904 e 1909.

Em 1904 - Método Psicanalítico e 1909 - Cinco Lições.

Em 1920, Freud elabora a teoria das instâncias, a teoria estrutural.

Os escritos técnicos estão entre estes dois desenvolvimentos. Mas, Freud nunca deixou de falar da técnica.

Lacan diz que começará a falar da técnica a partir do ano em que ele estava ministrando o seu seminário, 1954, instante em que praticantes da análise concebem a técnica a partir de uma confusão radical.

Se a palavra deve ser tomada como parte central, é uma relação a três que se deve formular na experiência analítica.

Lacan explica que o essencial em Freud foi a reconstrução completa da história do sujeito. A descoberta de Freud está na maneira de tomar um caso na sua singularidade.

O sujeito revive, rememora os eventos formadores de sua existência, mas, o mais importante, é o que o paciente disso reconstrói.

Lacan explica que a prática instituída por Freud foi transformada em um manejo da relação analista- analisando. Essa transformação aconteceu pela maneira como foram acolhidas as noções introduzidas por Freud no período posterior ao dos Escritos Técnicos, as três instâncias psíquicas. Das 3, a que ganhou importância foi o ego.

Freud abriu o que se poderia chamar de terra prometida, mas, não entrou nela.

Os analistas da época de Lacan diziam que só se endereçam ao eu, tudo deve passar pelo eu, mas Lacan explica que o eu está estruturado, como um sintoma. O eu se situa no conjunto do sujeito como um sintoma. Lacan diz que há uma ambiguidade da concepção que o analista tem do ego.

Lacan acredita que o que há de grave é porque os analistas estão passando a intervir o próprio ego na análise.

## **Cap. 2 - Primeiras intervenções sobre a questão da resistência**

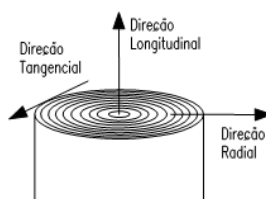
Freud avança em uma pesquisa sobre a verdade do sujeito.

Esse interesse deu às suas relações com os doentes um caráter singular.

A realização de uma análise é um caso singular.

A análise é uma experiência do particular.

Lacan propõe a existência de vários extratos longitudinais, de vários fios de discursos. Para ele, estes extratos seriam sob a forma de feixes. Há uma corrente de palavras que se alargam para envolver um núcleo patógeno que também é uma história.



O fenômeno da resistência está situado aí. Há dois sentidos, um sentido longitudinal e um sentido radial. A resistência se exerce no sentido radial, quando queremos nos aproximar dos fios que estão no centro do feixe. Ela é uma força de repulsão que se exerce a partir do núcleo recalcado, e quando nos esforçamos para atingir os fios do discurso que estão mais próximos dele, experimentamos

resistência.

Freud toma o discurso como uma realidade que está lá, feixe de discursos justapostos que se recobrem uns aos outros.

Freud na época não dispunha da noção de suporte material da palavra, isolado como tal. Nos nossos dias, Freud teria tomado como elemento de sua metáfora a sucessão de fonemas que compõem uma parte do discurso do sujeito. Diria que se encontra uma resistência maior quanto mais o sujeito se aproxima de um discurso último, mas que ele recusa de maneira absoluta.

Lacan acredita que deve submeter a própria análise ao esquema que ela ensinou e que consiste em ler o modo de ir mais adiante na reconquista da realidade do inconsciente pelo sujeito.

Lacan se propõe a ver o que significa a evocação da noção de ego do começo ao fim da obra de Freud. Mas, acredita ser impossível compreender o que representa esta noção tal como ela começou a surgir com os trabalhos de 1920.

Há um mundo percorrido entre o ego como se fala nos Estudos, massa ideacional, conteúdo de ideias e a última teoria do ego, ainda problemática, constituída por Freud a partir de 1920. Entre os dois há um campo central que Lacan se propõe a estudar.

Lacan quer mostrar porque viés se apresenta o perigo de forçar o sujeito através das intervenções do analista porque ele não acredita que a construção teórica de Freud da noção de resistência possa servir de pretexto para formar a respeito de Freud acusações contrárias ao efeito libertador de sua ação terapêutica.

## **Cap. 3 - A resistência e as defesas**

Para Lacan, se algo faz a originalidade do tratamento analítico em Freud foi ter percebido a relação problemática do sujeito consigo mesmo. O achado foi ter colocado essa relação em

conjunção com o sentido dos sintomas.

É a recusa desse sentido pelo sujeito que lhe coloca um problema. Esse sentido não lhe deve ser revelado, deve ser assumido por ele.

A psicanálise é uma técnica que respeita a pessoa humana e só pode funcionar respeitando-a.

Seria paradoxal colocar em primeiro plano a ideia de que a técnica analítica tem por finalidade forçar a resistência do sujeito.

Antes de entrar no assunto Lacan se propõe a analisar um artigo de Annie Reich sobre a contratransferência. Esse artigo encontra coordenadas em uma técnica que orienta grande parte da escola inglesa. Chegam a proferir que toda análise se desenrola no *hic et nunc*, aqui e agora, da sessão.

Lacan critica interpretações-choque realizadas por alguns analistas. O fato de o sujeito sair de um estado de confusão após uma intervenção não significa que a mesma tenha sido eficaz.

Para Lacan, o que prova a justeza de uma interpretação é que o sujeito traga um material confirmativo, mas, assim mesmo, isso merece ser nuançado.

Nunca se disse que o analista não deve ter sentimentos em relação ao seu paciente. Mas deve saber não apenas não ceder a eles, mas servir-se deles adequadamente na sua técnica.

No caso citado, bem que o analista podia ter provado um sentimento de hostilidade a respeito do paciente. Mas, não podia acreditar que estava autorizado por uma técnica a usar isso de maneira direta.

Para Lacan, o analista, no caso mostrado, se apresenta autorizado a fazer uma interpretação de ego para ego ou de igual para igual.

Essa interpretação da defesa que Lacan chama de ego a ego convém abster-se dela. É preciso que haja pelo menos um terceiro termo nas interpretações da defesa.

Lacan se propõe a falar no problema das relações da resistência e das defesas.

Para Lacan, foi na Interpretação dos Sonhos que Freud deu a primeira definição, em função da análise, da noção de **resistência**, Capítulo VII.: “Tudo que destrói, suspende/altera a continuação do *trabalho analítico*, do tratamento, é uma resistência”.

*Para Lacan, este trabalho se refere à “revelação do inconsciente”.*

A resistência, de onde vem ela?

Nos Estudos sobre a histeria, não há textos que permitam considerar que a resistência venha do eu.

Em 1915, Freud publica “Die Verdrangung” – O Recalque, primeiro texto a aparecer entre os que posteriormente serão reagrupados nos escritos metapsicológicos, a resistência é concebida como algo que se produz do lado do consciente, mas cuja identidade é regulada pela distância, “Entfernung” (remoção), em relação àquilo que foi originalmente recalçado. *Aqui a ligação da resistência com o conteúdo do inconsciente é sensível.*

O que foi recalçado, desde a Interpretação dos Sonhos até esse período intermediário? O passado. Um passado que deve ser restituído.

Esse período é o período do Homem dos Lobos em que Freud coloca a questão do que é o trauma. Ele se apercebe de que o trauma é uma noção ambígua porque parece que sua face fantasmática é mais importante do que a face do evento. Desde então, o evento passa para o segundo plano na ordem das referências subjetivas.

Freud explica nos Estudos sobre a Histeria ter feito estudos sobre a memória, e refere a lembrança evocada, o *reconhecimento*, à força atual e presente que lhe dá possibilidade.

Lacan verbaliza que o centro de gravidade do sujeito é essa síntese presente do passado a que chamamos de história.

A resistência do sujeito se exerce neste plano, mas ela se manifesta por casos particulares. Freud no Estudos sobre a Histeria define o núcleo patógeno como o que é procurado, mas que repele o discurso. A resistência é essa inflexão do discurso ao se aproximar deste núcleo. Lacan se propõe a aprofundar o sentido deste discurso – *um discurso histórico*.

Para Lacan em todo lugar se coloca a questão de saber o que significa o discurso que forçamos o sujeito a estabelecer na regra fundamental. No momento em que ele se entrega ao exercício, já não acredita no seu discurso senão pela metade, porque sabe que está a todo instante sob o fogo cruzado da interpretação. Questão – *qual é o sujeito do discurso?*

#### **Cap. 4 - O Eu e o Outro**

Existe uma ambiguidade na abordagem do tema da resistência porque diversas formulações de Freud parecem mostrar que a resistência emana daquilo que está para se revelar, do recalçado, do verdrangt (deslocado) ou ainda do interdruckt (suprimido).

Lacan se propõe a ir para os Escritos técnicos, A Dinâmica da Transferência. Ele fala em dificuldades e erros de tradução.

Destaca uma frase do texto “Enfim, lembremos, ninguém pode ser morto in absentia ou in effigie”. Para Lacan, esta frase se articula com outra citada dos Estudos sobre a histeria que trata da resistência encontrada por aproximação no sentido radial do discurso do sujeito quando se aproxima do núcleo patógeno.

Lacan destaca os seguintes elementos do texto de Freud: primeiro, chegamos a uma região em que a resistência se faz sentir com nitidez. Essa resistência emana do processo do discurso, da sua aproximação; segundo, a experiência mostra que é aqui que surge a transferência; terceiro, a transferência se produz porque satisfaz a resistência. Quarto, um fato deste gênero se reproduz um número incalculável de vezes ao longo de uma psicanálise. Essa parte do complexo que se manifestou sob a forma de transferência é empurrado para o consciente neste momento.

Freud diz em outro texto: quando o paciente se cala, há todas as chances de que essa parada no discurso seja devida a algum pensamento que se relaciona ao analista.

A resistência é um fenômeno que Freud localiza na experiência analítica.

É no movimento através do qual o sujeito se revela, que aparece o fenômeno da resistência. Quando esta resistência se torna forte, surge a transferência.

Freud fala que a transferência não está na análise como em qualquer lugar, mas que desempenha uma função particular. A resistência é vista como o ponto pivô daquilo de que se trata na dinâmica da transferência.

Lacan diz ter colocado a questão do que significa memória, rememoração, livre associação enquanto nos permite aceder a uma formulação da história do sujeito. Mas, o que acontece com o sujeito?

Eis-nos diante de um fenômeno onde apreendemos um nó nesse progresso, uma resistência. Vemos num certo ponto desta resistência, produzir-se a transferência, a atualização da pessoa do analista. No ponto mais significativo, o sujeito a sente como uma brusca percepção de algo que não é fácil de definir, a presença.

Não seria fácil viver se, a todo instante, tivéssemos o sentimento da presença com tudo o que ela comporta de mistério.

O que Freud ensina consiste em reencontrar uma relação que se apresenta ao mesmo tempo nas formas vividas, em comportamentos e no interior da relação analítica.

O isso e o eu talvez não sejam apenas um par contrastado.

Laca lembra pontos que debateu sobre o Homem dos Lobos.

No momento em que Freud aborda a questão do complexo de castração neste paciente, questão que ocupa função particular na estruturação desse sujeito, Freud formula: quando o temor da castração entra em questão nesse sujeito, aparecem sintomas, que se situam no plano anal, porque são manifestações intestinais. Estes sintomas testemunham certa etapa da teoria infantil da sexualidade.

Freud diz que quando o sujeito tinha chegado a uma primeira maturação e estava maduro para realizar, parcialmente, uma estruturação genital da relação dos seus pais, recusou a posição homossexual que é a dele, não realizou a situação edipiana, recusou, rejeitou – verwirft/devolução – tudo que é do plano da realização genital.

Não é um recalque. Recalque é outra coisa que um julgamento que rejeita e escolhe, na tradução francesa criticada por Lacan. Lacan questiona porque introduzir um julgamento. Para Lacan, há verwurfung – forclusão. Para Lacan, nenhum julgamento foi feito sobre a existência do problema da castração, mas as coisas estão como se existissem.

Segundo Lacan, para que um recalque seja possível, é preciso que exista um para além do recalque, um primeiro núcleo recalçado, que não só não se revela, mas que, é literalmente como se não existisse. E, entretanto, está em toda parte, ele é o centro de atração que chama

para si os recalques ulteriores.

As formas que tomam o recalque são atraídas por esse primeiro núcleo que Freud atribui a uma certa experiência a que chama experiência original do trauma.

Lacan fala sobre a Interpretação dos sonhos onde Freud enumera as objeções que se podem fazer sobre a validade da lembrança do sonho e explica que quanto mais o texto que o sujeito nos dá é incerto, mais ele é significativo.

Freud fala que os pensamentos estão na base de tudo. Mas, os pensamentos não são o que chamamos de pensamento porque aquilo de que trata é de um desejo. Esse desejo corre como um anel que vemos desaparecer e reaparecer. Ainda não sabemos se deve ser situado do lado do inconsciente ou do consciente.

É na medida em que a confissão do ser não chega ao termo, que a palavra se lança na vertente em que ela se agarra ao outro.

Não é estranho à essência da palavra agarrar-se ao outro. A palavra é mediação, mediação do sujeito e o outro. Um elemento da realização do outro é que a palavra possa nos unir a ele. É nessa dimensão que nos deslocamos incessantemente.

Mas há uma outra face da palavra que é a revelação.

Revelação – o inconsciente só se expressa por deformação, distorção. A revelação é o móvel daquilo que procuramos na experiência analítica.

A resistência se produz no momento em que a palavra de revelação não se diz, em que o sujeito não tem mais saída. Se a palavra funciona como mediação, é por não se ter realizado como revelação.

A questão é saber em que nível se produz o agarramento do outro.

Lacan explica que se tivesse de isolar a primeira inflexão da palavra, uma das funções mais elevadas, mas já desviadas da palavra – a tomada como testemunha.

A oposição da palavra vazia e da palavra plena, palavra plena na medida em que realiza a verdade do sujeito, palavra vazia em relação àquilo que tem de fazer hic et nunc com seu analista, em que o sujeito se perde nas maquinações do sistema da linguagem. Entre esses dois extremos, desdobra-se uma gama de realizações da palavra.

A resistência projeta seus resultados no sistema do eu. O eu se constitui em relação ao outro. Ele é o seu correlato. O nível no qual o outro é vivido situa o nível no qual o eu existe para o sujeito.

A resistência encarna-se no sistema do eu e do outro. É sempre num certo estilo da relação ao outro, que se projeta o ato da palavra.

Lacan fala do paradoxo da posição do analista. É no momento em que a palavra do sujeito é a mais plena, que o analista, poderia, intervir. Quanto mais íntimo é o discurso para o sujeito, mais o analista se centra nesse discurso. Mas, o inverso é verdadeiro. Quanto mais o seu discurso é vazio, mais sou levado a me agarrar ao outro, a procurar o além do seu discurso, além do que o sujeito tem que realizar, mas não realizou e que é feito de minhas projeções.

### **Cap. 5 – Introdução e resposta a uma exposição de Jean Hyppolite sobre a Verneinung (denegação) de Freud**

Lacan fala que na apresentação anterior mostrou que o fenômeno da transferência parte do que poderia se chamar o fundo do movimento da resistência.

Lacan diz ter isolado esse momento em que a resistência se manifesta por um movimento de balança da palavra em direção à presença do analista. O momento em que o sujeito interrompe é o momento mais significativo da sua aproximação em direção à verdade. Apreende-se neste momento a resistência em estado puro que culmina frequentemente no sentimento de angústia, da presença do analista.

A relação do ego ao outro, a relação do sujeito a esse outro, é uma estrutura essencial da constituição humana.

É a partir desta função imaginária que podemos explicar o que é o ego na análise. Ego na análise, função dinâmica. O ego se manifesta como defesa, recusa.

Lacan diz ter mostrado sob uma forma quase paradoxal, quanto a análise freudiana do sonho supõe que ele tem função de palavra. É no ponto em que o sonho não é mais do que um traço, um vocabulário isolado que reencontramos sua ponta transferencial.



Lacan explica que o ego é o que dirige nossas manifestações motoras, e conseqüentemente, a saída das palavras, mas isso faz dele senhor de tudo que as palavras contêm?

O sistema simbólico é marcado por este entrecruzamento. Todo símbolo linguístico isolado se recorta e se constitui por uma série de afluências, de sobredeterminações oposicionais que o situam ao mesmo tempo em vários registros.

É com ambigüidades e riquezas implicadas no sistema simbólico tal como foi constituído pela tradição na qual nos inserimos como indivíduo, é com estas funções que joga a experiência analítica. A todo instante esta experiência consiste em mostrar ao sujeito que ele diz mais do que pensa dizer.

Para Lacan, precisamos apreender a autonomia da função simbólica na realização humana.

Neste capítulo, Lacan se propõe a introduzir o problema do ego e da palavra partindo da maneira através da qual se revela na experiência analítica.

Não se pode fazer de conta que a teoria do ego de Freud não existe. Freud opôs o ego ao isso, e esta teoria impregna as concepções teóricas e técnicas. Lacan se propõe a falar sobre o texto Verneinung.

Verneinung, como o Sr. Hyppolite chama atenção, é denegação e não negação, como se traduziu.

O texto é de 1925, posterior ao aparecimento dos artigos concernentes à Psicologia do Eu e à sua relação com o isso e do O Eu e o isso (1923). Freud retoma ali a relação do ego com a manifestação falada do sujeito na sessão.

Lacan fala que na “Psicologia das massas e análise do eu”, Freud fala das relações ao outro, que o eu, enquanto função autônoma é, pela primeira vez, introduzido na obra de Freud.

O comentário de Hyppolite pode ser encontrado nos Escritos de Lacan.

A elaboração do texto de Freud pelo Sr. Hyppolite mostrou-nos a diferença de níveis da Bejahung, da afirmação, e da negatividade enquanto ela instaura num nível inferior a constituição da relação sujeito-objeto.

O menor sentimento singular, e mesmo estranho que o sujeito acusa no texto da sessão, é conotado de sucesso.

Lacan fala sobre a alucinação – fenômeno a propósito do qual a elaboração do pensamento psicopatológico renovou a perspectiva.

Exemplos – Homem dos Lobos (Freud) e Homem dos miolos frescos (Ernest Kris).

A alucinação é considerada por Lacan como o primeiro movimento na ordem da satisfação do sujeito. Lacan traz o exemplo do Homem dos Lobos onde o progresso da análise do sujeito, as contradições que apresentam os traços através dos quais seguimos a elaboração da sua situação no mundo, indicam uma verwerfung, uma rejeição – o plano genital sempre foi como se não existisse literalmente. Essa rejeição pode ser situada no nível da não-Bejahung, não podemos colocá-la no mesmo nível do que uma denegação.

A condição para que alguma coisa exista para o sujeito é que haja Bejahung, que não é negação da negação. O que se passa quando essa Bejahung não se produz e quando nada é manifestado no registro simbólico?

Para o Homem dos Lobos, não houve Bejahung. Não há traço deste plano no registro simbólico. O único traço que dele temos é a emergência de uma pequena alucinação. A castração, que é para ele o que não existiu, manifesta-se sob a forma do que ele imagina – ter cortado o dedinho tão profundamente que só se segura por um pedacinho de pele. Fica submerso em uma catástrofe que não ousa nem falar com quem está ao seu lado - é como se a pessoa a qual ele refere suas emoções, estivesse anulada. O outro não existe mais. Há uma espécie de mundo exterior, de manifestações percebidos no que Lacan chama de um real primitivo, um real não-simbolizado, apesar da forma simbólica, no sentido corrente da palavra, que toma este fenômeno.

O sujeito não é psicótico. Só tem uma alucinação. Poderá ser psicótico mais tarde, não o é no momento em que tem essa vivência. Neste momento da sua infância nada permite classificá-lo como esquizofrênico. O que não é reconhecido faz irrupção na consciência sob a forma do visto.

Segundo exemplo, Lacan fala de um caso de Kris. Este sujeito tem graves entraves no trabalho intelectual, experimenta dificuldade em produzir. A vida parece travada por um

sentimento de ser plagiário.

Ele chega a escrever. Mas depois diz que o que escreveu já está integralmente na biblioteca.

Kris se interessa pelo que há no artigo, percebe que a tese é original.

Kris conclui que se o sujeito insiste em manifestar que a sua conduta está entravada, é que seu pai nunca chegou a publicar nada porque era esmagado pelo avô - personagem produtiva. Tem necessidade de encontrar no seu pai, um avô e satisfaz essa necessidade forjando tutores, na dependência dos quais, se encontra por intermédio de um plágio de que se culpa, e com o auxílio do qual se destrói.

Para Lacan, esta interpretação é válida.

O sujeito fica em silêncio e na sessão seguinte diz ter ido a um restaurante e procurado a refeição que gosta, miolos frescos.

Lacan fala que esta resposta foi evocada por uma interpretação justa, um nível da palavra simultaneamente paradoxal e pleno na sua significação.

Lacan situa a diferença de nível entre o simbólico como tal, abertura do homem aos símbolos, e, por outro lado, a sua cristalização no discusso organizado enquanto contém, fundamentalmente, a contradição.

### **Cap. 6 - Análise do discurso e Análise do Eu**

Lacan se propõe falar sobre a região compreendida entre a formação do símbolo e o discurso do eu. No texto a Verneinung, o Sr. Hippolite valorizou o sentido complexo de Aufhebung. Em alemão, este termo significa ao mesmo tempo negar, suprimir, mas também conservar na supressão, suspender.

É com o eu do sujeito, suas defesas, que o analista tem a ver.

Para Lacan, as elaborações recentes, tomam o eu do analisando como aliado do analista e comportam contradições. Função de desconhecimento é o que o eu é em análise.

Para Lacan, Anna Freud afirma que, na análise, o eu só se manifesta pelas suas defesas, quer dizer, na medida em que se opõe ao trabalho analítico.

Lacan critica Anna Freud por ter tomado tudo pelo ângulo de uma relação dual entre Anna e a doente. Tomou a defesa da doente por aquilo através de que se manifestava, uma agressão contra ela. É no plano do eu dela, Anna Freud, que ela percebeu as manifestações de defesa do eu. Quis ver uma manifestação da transferência, segundo a fórmula que faz da transferência a reprodução de uma situação. Mas, esta fórmula é incompleta, porque ela não precisa como a situação é estruturada.

Lacan critica que Anna Freud começou a interpretar a relação analítica segundo o protótipo da relação do sujeito à sua mãe.

Lacan assim retoma a questão de saber de qual Bejahung, de qual sim, se trata no progresso analítico.

Lacan retoma um texto de Freud, O Esboço de Psicanálise, em que diz que é a conclusão de um pacto que define a entrada na situação analítica. "O eu doente do paciente nos promete uma franquia total, isto é, a livre disposição de tudo que a sua autopercepção lhe entrega. Do nosso lado, lhe asseguramos a maior discrição e colocamos a seu serviço a nossa experiência na interpretação do material submetido ao inconsciente. O nosso saber compensa a sua ignorância e permite ao eu recuperar e governar os domínios perdidos do seu psiquismo. É esse pacto que constitui toda a situação analítica".

Lacan coloca que não deixamos de estar na ignorância, na medida em que ignoramos a constelação simbólica que mora no inconsciente do sujeito. Essa constelação é estruturada, organizada e complexa.

Freud deu o primeiro modelo no Complexo de Édipo. Todo desenvolvimento da análise foi feito pela valorização de cada uma das tensões implicadas nesse sistema triangular.

Lacan fala do caráter dissimétrico de cada uma das relações duais que compreende a estrutura edípica. A relação que liga o sujeito à mãe é distinta da que o liga ao pai, a relação narcísica ou imaginária com o pai é distinta da relação simbólica, e também da relação a que devemos chamar real – a qual é residual em relação à arquitetura que nos interessa na análise. Tudo mostra a complexidade da estrutura.

Para Lacan, o esquema de Freud sobre a relação edípica é fundamental para compreender o sujeito e toda realização simbólica, pelo sujeito, do isso, do insciente – o qual é um si mesmo e não uma série de pulsões desorganizadas

É preciso olhar os critérios para reconhecer uma Bejahung satisfatória.

Para Lacan, o real, ou o que é percebido como tal, é o que resiste à simbolização.

Lacan relata sobre o caso Dick de Melanie Klein e acredita que ela tenha enfiado o simbolismo no pequeno Dick. Ela começa jogando em cima dele as interpretações. Ela o joga numa verbalização brutal do mito edípico – “*Você é o tremzinho, você quer foder a sua mãe*”.

Lacan acha que este modo de fazer se presta a discussões teóricas que não podem ser dissociadas do diagnóstico do caso. Mas, depois dessa intervenção, alguma coisa se produz.

Lacan fala de uma falta de contato experimentada por Dick e este como sendo o defeito do seu ego. Seu ego não estava formado. Com efeito, nele, o que não é simbolizado é a realidade. Dick está inteirinho na realidade, no estado puro, inconstituído. Ele está no indiferenciado. Lacan se questiona o que constitui um mundo humano? O interesse pelos objetos enquanto distintos. O mundo humano é um mundo infinito quanto aos objetos. A esse respeito, Dick vive num mundo não-humano.

A teoria do ego, para Lacan, está incompleta no caso Dick, mas Klein mostra bem isso – se, no mundo humano, os objetos se multiplicam, é na medida em que aparecem num processo de expulsão ligado ao instinto de destruição primitivo.

À medida que se produzem estas ejeções fora do mundo primitivo do sujeito, que não está organizado no registro da realidade propriamente humana, comunicável, surge cada vez um novo tipo de identificação. É o que não é suportável, e a ansiedade surge ao mesmo tempo.

A ansiedade é sempre definida como surgindo, arising (aparecendo). A cada uma das relações objetais corresponde um modo de identificação cujo sinal é a ansiedade. Estas identificações precedem as identificações ei-oicas. Mas mesmo quando esta for feita, toda nova re-identificação do sujeito fará surgir a ansiedade – a ansiedade no sentido em que ela é tentação, perda do sujeito que se reencontra em níveis extremamente primitivos. A ansiedade é um sinal, como Freud formulou.

Essa ansiedade não se produz no sujeito em questão. Dick não pode chegar nem mesmo à primeira espécie de identificação, que seria um esboço de simbolismo. No consultório, não há para Dick nem outro nem eu, há uma realidade pura e simples.

Melanie Klein ousa lhe falar – falar a um ser que se deixa apreender como alguém que, no sentido simbólico do termo, não responde. Ele está lá como se ela não existisse, e, entretanto, ela lhe fala.

Normalmente, o sujeito atribui aos objetos da sua identificação primitiva uma série de equivalências imaginárias que multiplicam o seu mundo. Mas essas idas e voltas darão sua moldura a esse real mais complexo que é o real humano. Após essa fase ao longo do qual as fantasias são simbolizadas, vem o estado genital, em que a realidade é fixada.

Para Dick, a realidade está bem fixada, mas porque ele não pode fazer estas idas e vindas. Ele está numa realidade que não conhece nenhum desenvolvimento.

Não é uma realidade absolutamente desumanizada. Ela já está simbolizada porque se lhe pode dar um sentido. Mas como ela é movimento de idas e vindas, trata-se de uma simbolização antecipada, e de uma só identificação, que tem nomes – o preto, o vazio. Essa hiância é o que é humano, na estrutura própria do sujeito, e é o que nele responde. Ele só tem contato com essa hiância.

Nessa hiância, ele só conta com um número limitado de objetos, que não pode nem mesmo nomear. Tem uma apreensão de certos vocábulos, mas desses vocábulos não fez a Bejahung.

### **Cap. 7 – A tópica do Imaginário**

Para Lacan, não é possível compreender a técnica e a experiência freudianas sem os três sistemas de referências: imaginário, simbólico e real. Para ele, o que conta quando se tenta elaborar uma experiência, não é o que se compreende, mas o que não se compreende.

Segundo Lacan, comentar um texto é como fazer uma análise. Uma das coisas que se deve evitar é compreender muito. Interpretar e imaginar que se compreende não é a mesma

coisa.

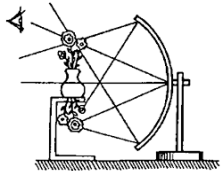
Lacan fomentou um modelo sucedâneo do estádio do espelho.

O estádio do espelho não é apenas um momento do desenvolvimento. Tem uma função exemplar, porque revela certas relações do sujeito à sua imagem, enquanto *Urbild* – protótipo – do eu.

Lacan caracteriza a óptica como uma ciência que se esforça para produzir com aparelhos a coisa singular que se chama imagem.

As imagens ópticas apresentam diversidades singulares – algumas são puramente subjetivas, são as virtuais, enquanto outras são reais que, sob certos prismas, se comportam como objetos e podem ser tomadas como tais.

Lacan se refere a um experimento da física. Um espelho esférico que produz uma imagem real.



Supõe-se que haja uma caixa, oca de um lado, e que ela esteja colocada sobre um pé, no centro da semiesfera. Sobre a caixa, colocam um vaso, real. Embaixo um buquê de flores.

O buquê reflete-se sobre a superfície esférica. A partir de então forma-se uma imagem real. A característica dos raios que batem num olho sob uma forma convergente é a de dar uma imagem real. Se os raios vêm bater no olho no sentido contrário, é uma imagem virtual que se forma. É o que se passa quando se olha numa imagem no espelho, é possível vê-la lá onde não está. Enquanto não veem o buquê real, que está escondido, verão aparecer, se estiverem no bom campo, um buquê imaginário, que se forma no gargalo do vaso. Vocês terão uma impressão de realidade, sem deixarem de sentir que alguma coisa é estranha porque os raios não se cruzam muito bem. Quanto mais longe estiverem, mais a ilusão será completa.

Esse experimento permite ilustrar de forma simples o que resulta da intrincação estreita do mundo imaginário e do mundo real na economia psíquica.

Lacan explica que este experimento foi conhecido sob o título de *experimento do buquê invertido*.

O domínio próprio do eu primitivo, *Ur-Ich* ou *Lust-ICH*, se constitui pela clivagem, pela distinção com o mundo exterior – o que está incluído dentro distingue-se do que é rejeitado pelos processos de expulsão, *Ausstossung*, e de projeção.

O processo de maturação fisiológica permite ao sujeito, em um dado momento da sua história, integrar suas funções motoras e aceder a um domínio real do corpo. Só que, é antes deste momento que o sujeito toma consciência do seu corpo como totalidade.

É a aventura através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – a dimensão essencial do humano, que estrutura toda sua vida de fantasia.

É a pura e simples realidade que não se delimita, que não é nem boa, nem má, mas, ao mesmo tempo, caótica. É o nível ao que Freud se refere em *Denegação*, quando fala dos julgamentos de existências – ou bem é, ou bem não é. E é aí que a imagem do corpo dá a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu. Aí está como podemos representar o sujeito antes do nascimento do eu e o surgimento deste.

Para que a ilusão se produza, para que se constitua diante do olho que olha, um mundo em que o imaginário pode incluir o real e, ao mesmo tempo, formá-lo, em que o real também pode incluir e, ao mesmo tempo, situar o imaginário, é preciso que uma condição seja realizada – o olho deve estar numa certa posição.

O olho está como símbolo do sujeito.

Na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo tal como ela resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. E a situação do sujeito é caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico. É desse lugar que depende o fato de que tenha direito de se chamar *Pedro*. Segundo um caso ou outro, ele está no campo do cone ou não está.

Lacan retoma o caso Dick e afirma que esta criança possui alguma coisa da linguagem porque senão Melanie Klein não seria compreendida por ela. A criança dispõe de certos elementos do aparelho simbólico. Por outro lado, desde o primeiro contato, Klein caracteriza sua atitude como apatia, indiferença. Klein a diferencia das outras crianças neuróticas que já atendeu

porque ela não mostrava nenhuma ansiedade aparente. A criança olha Klein como um móvel.

Lacan tenta simbolizar no esquema um jogo pelas inclusões imaginárias de objetos reais, ou inversamente, pelas tomadas de objetos imaginários no interior de um recinto real.

Para Klein, tudo está num plano de igual realidade, o que não permite conceber a dissociação dos diferentes *sets* de objetos primitivos. Não há em Klein a teoria do imaginário nem teoria do ego. Lacan que introduz essas noções e explica que na medida em que uma parte da realidade é imaginada, a outra é real, e inversamente, na medida em que uma é realidade, é a outra que se torna imaginária. A partir daí, percebe-se porque, a conjunção das diferentes partes nunca pode ser acabada.

Aqui é a relação em espelho. Lacan explica que introjeção não é o contrário de projeção. A introjeção é sempre introjeção da palavra, o que introduz uma dimensão diferente da de projeção. É em torno dessa distinção que se pode fazer a separação entre o que é função do ego e o que é função do supereu. O supereu autêntico é uma introjeção secundária em relação à função do ego ideal.

Lacan volta a Dick. Klein sublinha a pobreza do mundo imaginário e a impossibilidade desta criança entrar em uma relação efetiva com os objetos enquanto estrutura.

Lacan pontua que esta criança não faz nenhum apelo.

Para Lacan, Dick tem seu sistema de linguagem. A prova é que brinca. Dick serve-se da linguagem de forma negativista.

De acordo com Lacan, ao falar do apelo, não é a linguagem que ele introduz. Lacan exemplifica que um animal doméstico, que não possui linguagem, é capaz de endereçar apelos, apelo para chamar sua atenção para alguma coisa que lhe falta. Ao apelo humano está reservado um desenvolvimento posterior porque se reproduz num ser que já adquiriu o nível da linguagem.

Para Lacan, Dick não emite apelo. O sistema pelo qual o sujeito vem se situar na linguagem é interrompido, ao nível da palavra. A linguagem e a palavra não são a mesma coisa. Esta criança é mestre da linguagem, mas não fala. É um sujeito que está aí e que, literalmente, não responde.

Klein renuncia à técnica. A criança não brinca.

A criança se põe a brincar com seu trenzinho e diz estação. Momento crucial em que se esboça a junção da linguagem e do imaginário do sujeito. Klein reenvia – a estação é a mãe. Dick entrar na mãe. A partir daí, tudo se desencadeia. Ela só lhe fará destas, e não outras. Depressa, a criança progride.

O que foi que Klein fez? Lacan diz que ela introduziu a verbalização. Ela simbolizou uma relação efetiva, a de um ser, nomeado, com um outro. Ela “chapou” a simbolização do mito edípico.

A criança verbaliza um primeiro apelo – um apelo falado. Pergunta pela sua babá. Pela primeira vez, produz uma relação de apelo que não é simplesmente um apelo afetivo, mas um apelo verbalizado, que a partir de então comporta resposta. É uma primeira comunicação no sentido técnico do termo.

A criança simboliza a realidade em sua volta a partir do Édipo, dessa pequena célula palpitante de simbolismo que lhe deu Melanie Klein.

É o que se chama – ter aberto as portas do seu inconsciente.

Lacan afirma ser possível ler em Klein – O inconsciente é o discurso do outro.

Lacan diz que no caso Dick isso é manifesto. Não há nenhuma espécie de inconsciente no sujeito. É o discurso de Klein que enxerta sobre a inércia eu-ótica da criança as primeiras simbolizações da situação edípica.

Lacan questiona, no caso Dick, que não acedeu à realidade humana porque não faz ouvir nenhum apelo, quais são os efeitos das simbolizações introduzidas pela terapeuta? Responde que determinam uma posição inicial a partir da qual o sujeito pode fazer agir o imaginário e o real e conquistar seu desenvolvimento.

Porque falar desenvolvimento do ego? Para Lacan, é confundir o ego e o sujeito.

O desenvolvimento só ocorre na medida em que o sujeito se integra ao sistema simbólico, aí se exercita, aí se afirma pelo exercício de uma palavra verdadeira.

Lacan acredita que os analistas distinguem mal imaginário, simbólico e real.

Lacan coloca que aprendeu no caso, como o mundo se põe em movimento, como

imaginário e real começam a se estruturar, como se desenvolvem os investimentos sucessivos, que delimitam a variedade dos objetos humanos, nomeáveis. Todo esse processo parte do que constitui uma palavra significativa, formulando uma estrutura fundamental que, na lei da palavra, humaniza o homem.

Lacan questiona o que representa o apelo no campo da palavra. Responde que é a possibilidade da recusa. O apelo não implica a recusa. Mas, é no momento em que se produz o apelo, que se estabelecem no sujeito as relações de dependência. Dick receberá a babá de braços abertos.

A partir do caso Dick e utilizando as categorias do real, do simbólico e do imaginário, Lacan mostrou que pode acontecer que um sujeito que dispõe de todos os elementos da linguagem e que tem a possibilidade de fazer deslocamentos imaginários que lhe permitem estruturar o seu mundo, não esteja no real. Não há meio de dar a esse conjunto o menor desenvolvimento.

Em Dick, o ego não pode ser utilizado de maneira válida como aparelho na estruturação do mundo exterior. Por uma má posição do olho, o ego não aparece.

A virtude da palavra é um funcionamento coordenado a um sistema simbólico já estabelecido, típico e significativo.

### **Cap. 8 – O lobo! O lobo!**

Lacan se propôs a compreender a experiência psicanalítica a partir da função simbólica ou a função da palavra.

Nas Observações sobre o amor transferencial, Freud chama a transferência pelo nome de amor. Freud chega a dizer que não há distinção entre a transferência e o que chamamos na vida o amor. A estrutura desse fenômeno artificial que é a transferência e a do fenômeno espontâneo chamado amor, amor-paixão são, no plano psíquico, equivalentes.

A transferência é o amor.

Lacan diz que vai se centrar em torno do amor de transferência para terminar o estudo dos Escritos técnicos. Isso nos levará ao âmago de outra noção – a função do imaginário.

Para Lacan, o imaginário e o simbólico estão presentes na obra freudiana. Lacan explica que na Introdução ao narcisismo, Freud, para designar a diferença entre o que é demência precoce, esquizofrenia, psicose, e o que é neurose encontrará desta definição: *“O paciente que sofre de histeria ou de neurose obsessiva abandonou, como o psicótico, e até aonde for a influência da sua doença, sua relação à realidade, mas a análise mostra que não rompeu de maneira alguma, por isso, todas as suas relações eróticas com as pessoas e as coisas; ele as sustenta, mantém, conserva ainda na fantasia. Por um lado, substituiu, aos objetos reais, objetos imaginários fundados nas suas lembranças, ou misturou os dois enquanto, por outro lado, parou de dirigir suas atividades motoras para o acesso dos seus fins em conexão com os objetos reais. É unicamente a esta condição da libido que podemos aplicar o termo introjeção da libido. É diferente com o parafrênico. Parece ter tirado realmente sua libido das pessoas e das coisas do mundo exterior, sem as substituir por outras fantasias.* - Lacan explica que isso significa que ele criou seu mundo imaginativo.

Lacan explica que aí se coloca a distinção essencial entre neurose e psicose, quanto ao funcionamento do imaginário.

Rosine Lefort expõe um caso de uma criança grave.

Caso Roberto.

#### **Parte 1**

Sra. Lefort conta que Roberto teve a história dele foi reconstruída com dificuldade, mas foi graças ao material trazido que se soube os traumatismos por ele sofridos.

O pai é desconhecido. A mãe está internada como paranoica. Ela ficou com Roberto até 5 meses, errando de casa em casa. Negligenciou os cuidados essenciais a ponto de esquecer de nutri-lo.

A criança sai com nove meses devolvida à mãe quase à força. Nada se sabe sobre os dois meses que a criança passa com a mãe. Com onze meses foi internada novamente com desnutrição e depois legalmente abandonada.

Ele chega com 3 anos e nove meses à instituição onde Lefort trabalha.

Roberto chega do ponto de vista da linguagem, com ausência total de palavra coordenada,

gritos frequentes, risos guturais e discordantes. Só sabia dizer duas palavras que gritava – Dona! E O lobo! Lefort a chama de menino-lobo porque acredita que era a representação que ele teria de si mesmo.

Não se via angustia na criança.

O tratamento foi por um ano, em seguida interrompido durante um ano. Teve várias fases.

#### Fase preliminar:

Entrava no quarto correndo, abrindo e fechando a porta. Os objetos, ele os tomava ou os rejeitava, ou os empilhava sobre Rosine.

Ele não se aproximava da mamadeira de leite ou se aproximava soprando nela. Lefort notou um interesse pela bacia, que cheia de água, parecia desencadear uma crise de pânico.

Em uma sessão, empilhou objetos sobre Lefort, safou-se, depois Lefort ouviu ele dizer em cima de uma escada que não sabia descer sozinho.

Um dia, após a hora de deitar tentou cortar o pênis com uma tesoura de plástico na frente de outras crianças terrorizadas.

#### Segunda parte do tratamento

Começou a expor o que era para ele o lobo! Gritava isso o tempo todo.

Lefort explica que as mudanças de lugar, de quartos, eram para ele uma destruição, porque tinha mudado sem parar de lugar e de adultos. Tinha-se tornado para ele um princípio de destruição que havia marcado as manifestações primordiais de sua vida de ingestão e de excreção. Expressou isso com a mamadeira e com o penico.

Ele se achava obrigado a fazer cocô na sessão, pensando que se desse alguma coisa, conservaria a analista. Um dia, deu o cocô a Lefort.

Um dia fez misturas com leite, xixi, boneca, fragmentos da mamadeira quebrada, areia no penico. Levou o penico e quando caiu um pedaço de areia, parecia que tinha caído um pedaço dele.

Não deixava que ninguém se aproximasse do penico.

Quando frustrado gritava o lobo! O lobo!, vendo sua imagem no espelho, gritava: o lobo! O lobo!

Roberto se representava assim, ele era o lobo! Ele é todos os elementos que colocou no penico.

#### Fase seguinte:

Ele exorcizava o lobo! Lefort acredita que graças à permanência dela, ele pôde exorcizar com leite, as cenas do cotidiano que lhe faziam tanto mal.

Com as interpretações e permanência de Lefort, um dia Roberto conseguiu voltar triunfante com o penico vazio nos braços. Tinha adquirido a ideia de permanência do seu corpo. Suas roupas eram para ele seu continente e, quando despido, a morte era certa. Tirar a roupa era ocasião de verdadeiras crises.

No fim desta fase, exorcizou e esvaziamento do penico, bem como a cena de tirar a roupa, através da permanência de Lefort que tinha tornado o leite um elemento construtor. Mas, impelido pela necessidade de construir um mínimo, não tocou no passado, não contou senão com o presente da sua vida.

#### Fase seguinte:

Lefort que se torna O lobo!

Joga em Lefort o mal que tinha bebido e reencontra a memória. Impelido pelo passado, se torna agressivo com Lefort, mas ela continua sendo importante para ele. A mãe o tinha privado de comida. Chegou a fazer xixi em Lefort quando ela foi embora. Um dia, trancou Lefort no banheiro, ficou chorando sozinho e depois, estendeu os braços a ela e se fez consolar.

Ele mudou na instituição e Lefort acredita que ele parecia ter exorcizado O lobo!

#### Fase seguinte:

Não fala mais do lobo! E regride a vida intrauterina, a construção do seu corpo, do ego body, que ele não tinha podido fazer até então.

Pega um balde preso a uma corda, com o balde entre as pernas, coloca a corda no umbigo dele – ela diz ter a impressão que o balde era ela ligada a ele pelo cordão umbilical.

Cena 1 – joga água sob seu ombro e diz Roberto, Roberto como um batismo com a água.

Cena 2 – joga leite no corpo e depois consegue bebê-lo. Batismo com o leite.

### Fases subsequentes:

Estádio de construção oral.

Roberto tem 4 anos, mas vive em estádios primitivos.

Depois do batismo pela água e pelo leite, começa a viver uma simbiose que caracteriza a relação mãe criança.

Tenta diferenciar-se de Lefort – Roberto – Não Roberto.

Tornou-se amigável com as outras crianças.

Lefort sai de férias – 2 meses. Na volta, Roberto traz padrões de comportamento do passado e do presente.

Lefort se afastou por um ano e voltou grávida de oito meses. Brincou com fantasias de destruição da criança. Ela sai para o parto, quando retorna, sem a barriga, Roberto estava persuadido de que suas fantasias de destruição da criança, tinham-se tornado realidade, que tinha matado a criança e que ia matá-lo.

Ficou agressivo, até conseguir dizer a Lefort, ela então leva a bebê e o confronta com a realidade. Faz um corte.

Lefort conclui ter tido a impressão de que a criança tivesse afundado sob o real, que no início não havia nenhuma função simbólica nem imaginária. Havia duas palavras.

### **Parte 2**

Lacan diz que necessita chamar a atenção para a diferença entre o **supereu**, no determinismo do recalque, e o **ideal do eu**.

O supereu é constrangedor e o ideal do eu exaltante.

Lacan diz que costumamos passar de um termo a outro como se fossem sinônimos. Questão que merece ser colocada a propósito da relação transferencial. Quando se procura o fundamento da ação terapêutica, diz-se que o sujeito identifica o analista ao seu ideal do eu, ou, ao contrário, ao seu supereu, sem explicar a diferença.

O supereu se situa essencialmente no plano simbólico da palavra, à diferença do ideal do eu.

O supereu é um imperativo. É coerente com a noção da lei, com o conjunto do sistema da linguagem, na medida em que define a situação do homem enquanto tal, enquanto não é somente indivíduo biológico. Por outro lado, é necessário acentuar seu caráter insensato, cego, de puro imperativo, simples tirania.

O supereu tem uma relação com a lei, e ao mesmo tempo, uma lei insensata, que chega até a ser o desconhecimento da lei. É assim que vemos agir o supereu do neurótico.

O supereu é, a um só tempo, a lei e a sua destruição. Ele é a palavra mesma, o comando da lei, na medida em que dela não resta mais do que a raiz. A lei se reduz a alguma coisa que não se pode nem mesmo exprimir, como o Tu deves, que é uma palavra privada de todos os seus sentidos. É nesse sentido que o supereu acaba por se identificar àquilo que há somente de mais devastador, de mais fascinante, nas experiências primitivas do sujeito. Acaba por se identificar a uma figura feroz, às figuras que podemos ligar aos traumatismos primitivos, sejam eles quais forem, que a criança sofreu.

Vemos aí encarnada a função da linguagem, reduzida a uma palavra, cujo alcance e sentido, para a criança, não somos capazes de definir, mas que a liga à comunidade humana. Com relação ao caso de Roberto, não é uma criança lobo que teria vivido na selvageria, é uma criança que fala, e é por esse o lobo! que Lefort teve a possibilidade de instaurar o diálogo.

É envolta deste pivô da linguagem, o lobo!, da relação a essa palavra que é para Roberto o resumo de uma lei, que se dá a virada da primeira para a segunda fase. Lacan acredita que se toca aí na relação fundamental do homem à linguagem.

No caso Roberto, Lacan explica que vemos a criança se conduzir com a função mais ou menos mítica do continente e, somente no fim, poder suportá-lo vazio. Poder suportar a sua vacuidade é identificá-lo enfim como um objeto propriamente humano, quer dizer, um instrumento capaz de ser destacado da sua função. E é essencial na medida em que no mundo humano existe não somente o útil, mas também o utensílio, instrumentos que existem enquanto coisas independentes.

Para Lacan, no início, Roberto é o lobo! Na medida em que ele diz esta palavra. Mas o lobo! É qualquer coisa enquanto pode ser nomeada. Pode-se ver aí o estado nodal da palavra. O



eu aqui é completamente caótico, a palavra interrompida. Mas, é a partir de o lobo! Que ela poderá encontrar o seu lugar e se construir.

Lacan questiona o que é o eu? Responde que não são instâncias homogêneas. Uma são realidades, outras são imagens, funções imaginárias. O próprio eu é uma delas.

Lacan atribui as dificuldades motora da criança a uma falha nas funções de síntese do eu. No plano do eu enquanto função imaginária.

## **Cap. 9 – Sobre o narcisismo**

### **Parte 1**

Lacan se questiona como poderia resumir o ponto a que chegou e insiste na noção do simbólico, dizendo que convém sempre partir daí para compreender o que se faz quando intervém na análise, especialmente pela interpretação.

Lacan diz ter sido obrigado a sublinhar a face da resistência que se situa ao nível da emissão da palavra. A palavra pode exprimir o ser do sujeito, mas não chega nunca a isso. Ele questiona: Como se situam, em relação à palavra, todos esses afetos, todas essas referências imaginárias que são comumente evocadas quando se quer definir a ação da transferência na experiência analítica?

A palavra plena é a que visa, que forma a verdade tal como ela se estabelece no reconhecimento de um pelo outro. A palavra plena é a palavra que faz ato. Um dos sujeitos se encontra, depois, outro que não o que era antes.

Para Lacan, a experiência analítica coloca em causa a palavra plena. Para Lacan, é na hiância, na dificuldade, que encontramos chances de transparência. É neste ponto de vista que repousa o método de Lacan.

A primeira das contradições que aparece é que o método analítico, se ele visa atingir a palavra plena, parte por uma via oposta, na medida em que dá como consigna ao sujeito delinear uma palavra tão desligada quanto possível de toda suposição de responsabilidade, e que o libera de toda exigência de autenticidade. Mas, para Lacan, isso facilita a volta à via daquilo que, na palavra, está acima do nível do conhecimento e que concerne ao terceiro, ao objeto.

Existem dois planos nos quais se exerce a troca da palavra humana - o plano do reconhecimento - enquanto a palavra liga entre os sujeitos esse pacto que os transforma, e os estabelece como sujeitos humanos comunicando - e o plano do comunicado, em que se pode distinguir todo tipo de patamares, o apelo, a discussão, a informação, mas que, em última instância, tende a realizar o acordo sobre o objeto. O termo acordo está aí, mas o acento é colocado sobre o objeto considerado como algo exterior à ação da palavra e que a palavra exprime.

O objeto não deixa de ter referência à palavra.

Na análise, o sujeito é convidado a se entregar completamente a esse sistema - tanto os conhecimentos científicos do seu problema como os seus preconceitos ingênuos, sobre os quais repousam suas ilusões, inclusive suas ilusões neuróticas, na medida em que se trata aí de uma parte importante da constituição da neurose.

Pareceria que esse ato da palavra só pode progredir pela via de uma convicção intelectual que se depreendia da intervenção educadora do analista. A análise progrediria por doutrinação. É a essa doutrinação que se visa quando se fala da primeira fase da análise, mas para Lacan, essa fase nunca existiu.

Lacan defende que deve existir outra coisa além da doutrinação que explique a eficácia das intervenções do analista. É o que a experiência demonstrou ser eficaz na ação da transferência.

A transferência é o ato da palavra. Cada vez que um homem fala a outro de maneira autêntica e plena, há, no seu sentido próprio, transferência, transferência simbólica - alguma coisa se passa que muda a natureza dos dois seres em presença.

Trata-se aí de uma transferência diversa da que se apresentou inicialmente na análise, não somente como um problema, mas como um obstáculo. Essa função deve ser situada no plano imaginário. É para precisá-la que foram forjadas as noções de repetições de situações antigas, acionamento de uma reintegração da história - história num sentido contrário ao que Lacan promove, porque se trata de uma reintegração imaginária, a situação passada não sendo vivida

no presente, à revelia do sujeito, a não ser na medida em que a dimensão história é por ele desconhecida – não inconsciente.

Para Lacan, não se pode praticar a psicanálise sem pensar em termos metapsicológicos. Esse fato é estrutural da atividade psicanalítica.

Uma questão importante é saber qual a relação que há entre os laços de transferência e as características, positiva ou negativa, da relação amorosa. Esse assunto está na ordem do dia desde 1920. Desde então só se faz perguntar sobre a utilidade da transferência no manejo da subjetividade do paciente. Lacan isola alguma coisa que se chama não somente neurose de transferência – rótulo nosológico que designa aquilo de que o sujeito está afetado – mas também, neurose artificial, atualização da neurose na transferência, neurose que amarra nos seus fios a pessoa imaginária do analista.

A questão do que é que faz o móvel do que age na análise permanece obscura.

As opiniões que se manifestam ao longo das discussões sobre a natureza do laço imaginário estabelecido na transferência têm a mais estreita relação com a noção de relação objetual. Lacan acredita que esta última noção teria aparecido em primeiro plano na elaboração analítica.

Lacan se refere a um texto de James Strachey sobre o móvel da eficácia terapêutica. Para Lacan, o texto mostra que dificuldades leva esta concepção e as hipóteses suplementares que Strachey teria introduzido para sustentá-la. Strachey teria escrito que, em relação ao sujeito, o analista ocuparia a função do supereu. Mas, Lacan acredita que esta teoria não pode se sustentar porque essa função é um dos móveis mais decisivos da neurose. Há um círculo e para sair dele o autor teria sido forçado a introduzir a noção de um supereu parasita. Além disso, Strachey teria afirmando que entre o sujeito analisado e o sujeito analista, se passa uma série de trocas, de introjeções e projeções que levam ao nível dos mecanismos de constituição dos bons e maus objetos.

Para Lacan, pode-se situar a relação entre o analisado e o analista num plano diverso – no plano do eu e do não-eu, ou seja, no plano da economia narcísica do sujeito.

A questão do amor de transferência também está ligada à elaboração analítica da noção de amor. Não se trata do amor enquanto Eros – presença universal de um poder de ligação entre sujeitos, subjacente a toda a realidade em que se desloca a análise – mas do amor-paixão tal como é vivido pelo sujeito, como uma espécie de catástrofe psicológica. Para Lacan, trata-se de saber em que esse amor-paixão é ligado à relação analítica.

Lacan se questiona o que seria o amor que intervém enquanto mola imaginária na análise?

Para Lacan, o que precisamos encontrar é a estrutura que articula a relação narcísica, a função do amor em toda a sua generalidade e a transferência na sua eficácia prática.

Lacan marca que a noção de transferência é plurivalente e que se exerce ao mesmo tempo em vários registros, o simbólico, o imaginário e o real.

## **Parte 2**

Dr. Lecleire começa a leitura das primeiras páginas da Introdução ao narcisismo.

Lacan se reporta aos Três Ensaio, aos quais reenvia a noção de auto-erotismo primordial. Auto-erotismo primordial seria uma libido que constitui os objetos de interesses e que, por uma espécie de evasão, se reparte. É a partir dessa emissão pelo sujeito dos seus investimentos libidinais, que se faria o seu progresso instintivo e que se elaboraria o seu mundo, segundo a sua estrutura instintiva própria. Essa concepção não coloca dificuldade enquanto Freud deixa fora do mecanismo da libido tudo que se relaciona a um outro registro que não o do desejo como tal. O desejo é para ele uma extensão das manifestações concretas da sexualidade, uma relação que o ser animal entretém com o Umwelt (ambiente). Essa concepção é bipolar – de um lado o sujeito libidinal, do outro o mundo.

Essa concepção falha quando generalizada excessivamente a noção de libido. A libido nada tem a ver com outros registros instintivos que não o registro sexual, com o que toca por exemplo o domínio da nutrição, da assimilação, na medida em que serve à conservação do indivíduo. Se a libido não é isolada do conjunto das funções de conservação do indivíduo, perde o sentido.

Na esquizofrenia, algo se passa que perturba as relações do sujeito ao real e embaralha o fundo e a forma. Isso coloca a questão de saber se a libido não vai mais longe do que o que foi

definido tomando o registro sexual como núcleo central. É aí que a teoria da libido começa a colocar problema.

É ao longo do comentário de Freud ao texto escrito pelo presidente Schreber que Freud se dá conta das dificuldades levantadas pelo problema do investimento libidinal nas psicoses. Freud emprega noções ambíguas para que Jung possa dizer que renunciou a definir a natureza da libido como unicamente sexual. Jung franqueia este passo e introduz a noção de introversão que é uma noção sem nenhuma distinção.

No artigo Sobre o Narcisismo, Freud volta à necessidade de distinguir libido egoísta e libido sexual. Essa teria sido uma das razões para Freud escrever este artigo.

Lacan explica que a tarefa de Freud neste artigo foi árdua, então, ao mesmo tempo que mantém a distinção das duas libidos, gira durante todo o artigo em torno da noção de sua equivalência. Por isso, Freud é colocado a conceber o narcisismo como um processo secundário. Uma unidade comparável ao eu que não existe na origem, não está presente desde o início no indivíduo, e o *ich* tem de se desenvolver. As pulsões auto-eróticas, ao contrário, estão lá desde o início.

Para Lacan, isso confirmaria a concepção dele do estágio do espelho. A *Urbild*, que é uma unidade comparável ao eu, constitui-se num momento determinado da história do sujeito, a partir do qual o eu começa a assumir suas funções. Isso equivale a dizer que o eu humano se constitui sobre o fundamento da relação imaginária. No desenvolvimento do psiquismo, aparece algo de novo cuja função é dar forma ao narcisismo.

Lacan ensinará os dois registros implicados no estágio do espelho. A função imaginária contém a pluralidade do vivido do indivíduo, mas não se pode limitá-la a isso por causa da necessidade de distinguir as psicoses e as neuroses.

### **Parte 3**

Lacan afirma que o importante de reter sobre o artigo é a dificuldade de Freud em defender a originalidade da dinâmica psicanalítica contra a dissolução junguiana.

Jung colocaria o interesse psíquico como uma iluminação alternativa que pode ir, vir, projetar-se, retirar-se da realidade, conforma a pulsação do psiquismo do sujeito. Mas, de acordo com Lacan isso não permite apreender as diferenças que podem existir entre a retração dirigida do interesse pelo mundo à qual pode chegar o anacoreta (pessoa que vive isolada) e a do esquizofrênico, cujo resultado é estruturalmente distintivo porque o sujeito se encontra perfeitamente iludido.

Freud quer apreender a diferença de estrutura que existe entre a retração da realidade nas neuroses e nas psicoses.

As pessoas e as coisas no mundo do neurótico mudam de valor, e isso em relação a uma função designada de imaginária. Imaginária reenvia – primeiramente, à relação do sujeito com as suas identificações formadoras, é o sentido pleno do termo imagem em análise – em segundo lugar, à relação do sujeito ao real, cuja característica é ser ilusória, é a face da função imaginária mais frequentemente valorizada.

Freud sublinha que não há nada de semelhante na psicose. O sujeito psicótico, se ele perde a realização do real, não reencontra nenhuma substituição imaginária.

Lacan explica que é preciso dar um passo na conceptualização de Freud para seguir. Uma das concepções mais correntes é que o sujeito delirante sonha, que ele está dentro do imaginário.

Para Lacan, isso introduzirá uma elaboração das relações do imaginário e do simbólico, porque está aí um dos pontos nos quais Freud coloca essa diferença de estrutura. Quando o psicótico reconstrói o seu mundo, o que é que é inicialmente investido? Lacan responde que são as palavras. Categoria do simbólico.

Assim, Lacan conclui que poderia ser num irreal simbólico, ou num simbólico marcado de irreal, que se situa a estrutura do psicótico. A função do imaginário está alhures (em outro lugar).

Para Lacan, o que diferencia Freud e Jung na apresentação das psicoses, é que, para Freud, os dois domínios do simbólico e do imaginário estão distintos.

## **Cap. 10 – Os dois narcisismos**

Lacan lembra que a descoberta de Freud está fundada na apreensão fundamental de que os sintomas do neurótico revelam uma forma desviada de satisfação sexual. A função sexual dos

sintomas, Freud a demonstrou a propósito das neuroses por uma série de equivalências das quais a última é uma sanção terapêutica. Freud teria explicado que trazia uma teoria fundada num campo limitado, mas novo, comportando um certo número de realidades humanas, especialmente psicopatológicas – os fenômenos subnormais ou os que a psicologia normal não estuda, os sonhos, os lapsos, as mancadas, que perturbam certas das funções ditas superiores.

O problema que se coloca nesta época, para Freud, é o da estrutura das psicoses.

Freud teria tentado estabelecer a relação que podem manter entre si as pulsões sexuais e as pulsões do eu, que até então ele não tinha colocado em primeiro plano. Freud explica que a manutenção desta distinção pulsional estaria fundada na sua experiência das neuroses. Por isso que Freud teria dito que num estágio primitivo, anterior àquele ao qual nos permite aceder à investigação psicanalítica, um estado de narcisismo, em que é impossível discernir as duas tendências fundamentais, a Sexuallibido (Pulsão sexual) e a Ich-Triebe (Pulsão do eu).

Lacan explica que Freud teria apoiado a teoria da libido no que lhe indica a biologia do seu tempo. A teoria da libido não pode deixar de levar em consideração uma bipartição entre as finalidades da preservação do indivíduo e as da continuidade da espécie.

Para Lacan, Freud não traz uma solução, mas abre uma série de questões.

Lacan acredita ter feito progressos com Lorenz e Timbergen.

Lacan questiona qual o móvel concreto que determina o funcionamento da enorme mecânica sexual? Afirmar que não é a realidade do parceiro sexual, a particularidade de um indivíduo, mas algo que tem a maior relação com o que ele acaba de chamar o tipo, uma imagem.

Para os etologistas, a embreagem mecânica do instinto sexual é essencialmente cristalizada numa relação de imagens, numa relação imaginária.

Aí está o quadro no qual deve-se articular as Libido-Triebe e as Ich-Triebe.

A pulsão libidinal está centrada na função do imaginário.

Isso não quer dizer que o sujeito progride no imaginário para um estado ideal da genitalidade que seria a mola do estabelecimento do real. Lacan se propõe a precisar as relações da libido com o imaginário e o real, e resolver o problema da função real que o ego desempenha na economia psíquica.

Mannoni questiona – o investimento dos objetos pela libido é uma metáfora realista, porque ela só investe a imagem dos objetos. Ao passo que o investimento do eu pode ser um fenômeno intrapsíquico, em que é a realidade ontológica do eu que é investida. Se a libido se tornou libido de objetos, ela não pode mais investir senão alguma coisa que será simétrica à imagem do eu. Teremos dois narcisismos, uma libido que invista intrapsiquicamente o eu ontológico ou uma libido objetual que invista alguma coisa que será talvez o ideal do eu, uma imagem do eu. Teremos assim uma distinção entre o narcisismo primário e o secundário.

Lacan acredita que Mannoni teria dado um salto, mas se propõe a voltar ao último passo. Explica que o objetivo dele é juntar essa experiência que traz a elaboração atual da teoria dos instintos a propósito do ciclo do comportamento sexual, e que mostra que nele o sujeito é essencialmente logrável (enganável).

## **Parte 2**

Lacan propõe dar um complemento ao esquema sobre a tópica do imaginário. Afirmar que Freud, em *Interpretação dos Sonhos* e no *Esboço*, explicou que as instâncias psíquicas fundamentais devem ser concebidas na sua maioria como representando o que se passa num aparelho fotográfico, isto é, como as imagens, sejam virtuais, sejam reais, que o funcionamento produz. As instâncias que Freud elabora não devem ser tomadas como secundárias em relação à modificação do próprio aparelho. É por um esquema óptico que devem ser interpretadas as instâncias.

Lacan explica que à esquerda está o espelho côncavo graças ao qual é possível produzir o fenômeno do buquê invertido, neste caso, do vaso invertido.

O vaso será reproduzido numa imagem real e não virtual, sobre a qual o olho pode se acomodar. Se o olho se acomoda ao nível das flores verá a imagem real do vaso vir envolver o buquê, e lhe dar estilo e unidade – reflexo da unidade do corpo.

Para que a imagem tenha certa consistência é necessário que seja verdadeiramente uma imagem.

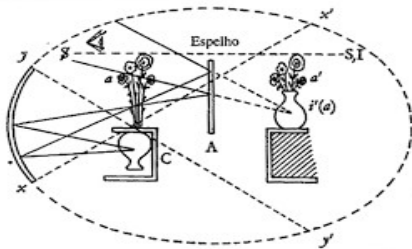
Para que uma imagem se forme, é preciso que o olho se encontre sob certo ângulo.

Segundo as diferentes posições do olho que olharia, pode-se distinguir certo número de casos que nos permitiriam talvez compreender as diferentes posições do sujeito em relação à realidade.

Lacan lembra que o sujeito não é um olho, mas este modelo se aplica porque estamos no imaginário, onde o olho tem grande importância.

Mannoni introduziu a questão dos dois narcisismos. É disto que se trata – da relação entre a constituição da realidade e o relacionamento com a forma do corpo.

O olho – o olho hipotético – será colocado por Lacan em algum lugar entre o espelho côncavo e o objeto. Para que esse olho tenha a ilusão do vaso invertido, pra que ele veja nas condições ótimas, é necessário uma única coisa – que haja mais ou menos no meio da sala um espelho plano.



Lacan questiona o que será visto no espelho plano? Primeiro, a própria cara, onde não está. Segundo, num ponto simétrico em que está a imagem real, vai aparecer a imagem real como imagem virtual. Para Lacan, há inicialmente um narcisismo que se relaciona à imagem corporal. Essa imagem é idêntica para o conjunto dos mecanismos do sujeito e dá sua forma ao seu Umwelt (ambiente), na medida em que é homem e não cavalo. Ela faz a unidade do sujeito,

e se projeta de mil maneiras, até no que se pode chamar a fonte imaginária do simbolismo, que é aquilo através de quê o simbolismo se liga ao sentimento que o ser humano tem do seu próprio corpo.

Esse primeiro narcisismo se situa ao nível da imagem real do esquema, na medida em que ela permite organizar o conjunto da realidade num certo número de quadros pré-formados.

Esse funcionamento é diferente no homem e no animal, que é adaptado a um Umwelt uniforme. Há (nos animais) certas correspondências entre a sua estrutura imaginária e o que importa à perpetuação dos indivíduos e da espécie. No homem, ao contrário, a reflexão no espelho manifesta uma possibilidade noética (dimensão subjetiva) original, e introduz um segundo narcisismo. O seu pattern (padrão) fundamental é imediatamente a relação ao outro.

O outro tem para o homem valor cativante, pela antecipação que representa a imagem unitária tal como é percebida, seja no espelho, seja em toda realidade do semelhante.

O outro confunde-se mais ou menos, segundo as etapas da vida, com o Ich-Ideal, ideal do eu. A identificação narcísica, a do segundo narcisismo, é a identificação ao outro que, no caso normal, permite ao homem situar a sua relação imaginária e libidinal ao mundo. Está aí o que lhe permite ver e estruturar, em função desse lugar e do seu mundo, seu ser – seu ser libidinal. O sujeito vê o seu ser numa reflexão em relação ao outro, isto é, em relação ao Ich-Ideal (Ideal do eu).

Lacan fala da importância em distinguir as funções do eu – por um lado, desempenham um papel fundamental na estruturação da realidade – por outro, elas devem no homem passar por esta alienação fundamental, que constitui a imagem refletida de si mesmo, que é o Ur-Ich (eu primitivo), a forma original do Ich-Ideal (Ideal do eu) bem como da relação com o outro.

Lacan explica que já havia dado um primeiro elemento do esquema e agora estava dando outro – a relação reflexiva ao outro. Para Lacan, este esquema é útil, permitindo situar questões clínicas, concretas, que coloca a função do imaginário e a propósito desses investimentos libidinais o que querem dizer.

Lacan afirma que a estreita equivalência do objeto e do ideal do eu na relação amorosa é uma das noções mais fundamentais de Freud. O objeto amado é, no investimento amoroso, pela captação que ele opera do sujeito, equivalente ao ideal do eu. É por isso que há na sugestão, na hipnose, esta função econômica que é o estado de dependência, verdadeira perversão da realidade pela fascinação pelo objeto amado e sua sobre-estimação.

Lacan defende que há dois narcisismos, dois amores, o Eros e o Agape (amor/afeto)

Lacan diz isso seria um esboço e mostra a relação com o fenômeno da transferência imaginária.

## Cap. 11 – Ideal do Eu e Eu-Ideal

### Parte 1

Leclaire apresenta a primeira parte do texto de Freud – Sobre o Narcisismo, onde, de acordo com ela, Freud coloca a distinção fundamental da libido. Na segunda parte, Freud diz que é o estudo das demências precoces, grupo das parafrenias, que oferece melhor acesso à Psicologia do eu. Mas, Freud cita outras vias que podem levar a reflexões sobre a Psicologia do eu. Parte da influência das doenças orgânicas sobre a repartição libidinal. Parte da constatação de que ao longo de uma doença, de um sofrimento, o doente retira seu investimento libidinal para seu eu, para liberá-lo de novo após a cura. Durante a fase em que retira o investimento libidinal dos objetos, a libido e o interesse do eu tornam-se impossíveis de distinguir.

Leclaire - Freud passa para o estado de sono onde há retração narcísica das posições libidinais. Fala da hipocondria e da doença orgânica em que a diferença entre os dois seria a lesão orgânica. Introduz a noção de zonas erógenas que podem substituir a genital e comportar-se como ela, ser a sede de manifestações e de acalmia. Cada mudança desse tipo de erogeneidade num órgão poderia ser paralelo a uma mudança de investimento libidinal no eu.

Lacan explica que para Freud, é quase indiferente que uma elaboração da libido – difícil traduzir *Verarbeitung* (processamento) – se produza sobre objetos reais ou imaginários. A diferença só aparece quando a libido se faz para objetos irrealis. Isto conduz a uma *Stauung* (congestionamento), a uma barragem da libido, o que nos introduz no caráter imaginário do ego, porque se trata da sua libido.

Leclaire – Freud diz que outro ponto importante do estudo do narcisismo reside na análise da diferença das modalidades da vida amorosa do homem e da mulher. Fala de dois tipos de escolha: anaclítica e narcísica e estuda a gênese. “O homem tem dois objetos sexuais primitivos, ele próprio e a mulher que se ocupa dele”.

Lacan pontua: Ele próprio, sua imagem.

Leclaire – Ele esmiúça a gênese desta escolha. As primeiras satisfações auto-eróticas têm uma função na conservação de si. As pulsões sexuais se aplicam inicialmente à satisfação das pulsões do eu, e só se tornam autônomas depois. A criança ama inicialmente aquele que satisfaz suas pulsões do eu. Define o tipo narcísico da escolha objetal, sobretudo naqueles que o desenvolvimento libidinal foi perturbado.

Lacan completa, nos neuróticos.

*Leclaire - esses dois tipos correspondem aos dois tipos fundamentais, masculino e feminino.*

Lacan diz: os dois tipos – narcísico e *Anlehnung* (seguinte).

Freud faz uma lista dos diferentes tipos de fixação amorosa, que exclui toda referência ao que se poderia chamar relação madura – o mito da Psicanálise. Há inicialmente no campo da fixação amorosa, o tipo narcísico. Ele é fixado pelo fato de que se ama – primeiramente o que si é enquanto si mesmo - em segundo lugar, o que se foi - em terceiro o que se quereria ser - em quarto, a pessoa que foi uma parte do seu próprio eu. É o *Narzissmustypus*.

O *Anlehnungstypus* (tipo seguinte) não é menos imaginário porque está fundado numa inversão da identificação. O sujeito encontra sua referência numa situação primitiva. O que ele ama é a mulher que alimenta e o homem que protege.

Leclaire – Freud avança em favor da concepção do narcisismo primário da criança e que ele encontra na maneira como os pais veem suas crianças.

Freud indica o que tem de fascinante para todo ser humano a apreensão de um ser que apresenta as características desse mundo fechado, fechado sobre si mesmo, pleno, satisfeito, que representa o tipo narcísico.

Leclaire – Sua majestade a criança. A criança é o que fazem dela os pais na medida em que aí projetam o ideal. Freud precisa que deixará de lado as perturbações do narcisismo primário da criança porque a ele se liga a questão do complexo de castração. Aproveita para situar melhor a noção do protesto masculino.

Leclaire – o que acontece com a libido do eu no adulto normal? Freud lembra que o recalque existe com uma função normalizante. O recalque emana do eu nas suas exigências éticas e culturais. Nesta questão, há diferenças de comportamento de acordo com as pessoas. A formação de um ideal condicionaria para o eu o recalque. É para esse eu ideal que vai o amor de

si, de que gozava na infância o verdadeiro eu. (o eu real)

Lacan intervém – não é o verdadeiro eu, é o eu real.

Leclaire – O narcisismo parece desviado para o seu novo eu ideal que se encontra em posse de todas as perfeições do eu, como o eu infantil. O homem mostrou-se incapaz, no domínio da libido, de renunciar a uma satisfação uma vez obtida. Freud emprega pela primeira vez o termo eu ideal - é para esse eu ideal que vai agora o amor de si que ele gozava, na criança, o verdadeiro eu. Ele não quer renunciar à perfeição narcísica da sua infância e ... procura readquiri-la na forma nova do seu ideal do eu. Figuram os dois termos: eu ideal e ideal do eu.

Freud emprega o Ich-Ideal, que é simétrico e oposto ao Ideal-Ich. É o signo de que Freud designa duas funções diferentes.

Leclaire – A nova forma do seu ideal do eu é o que ele projeta diante dele como o seu ideal.

Lacan acrescenta que no parágrafo seguinte Freud explica a diferença entre sublimação e idealização.

Leclaire – Freud afirmou a existência do eu ideal, a que chama em seguida o ideal do eu ou forma do ideal do eu. A sublimação é um processo da libido objetal. A idealização, ao contrário, concerne ao objeto que é aumentado, elevado, e isso sem modificações da sua natureza. A idealização é possível tanto no domínio da libido do eu quanto na libido objetal.

Freud coloca novamente as duas libidos no mesmo plano.

Leclaire – A formação do ideal do eu aumenta as exigências do eu e favorece ao máximo o recalque.

A exigência do Ich-Ideal toma seu lugar no conjunto das exigências da lei.

Leclaire – A sublimação oferece o viés para satisfazer essa exigência sem arrastar consigo o recalque.

Lacan pontua tratar-se de uma sublimação bem-sucedida.

Leclaire – é aí que Freud termina o paragrafo que concerne às relações do ideal do eu e da sublimação. Para Freud, não seria espantoso que encontrássemos uma instância psíquica especial que cumprisse a missão de velar pela segurança da satisfação narcísica decorrente do ideal do eu e que, para esse fim, vigiasse de maneira ininterrupta o eu atual. Essa hipótese conduzirá ao supereu. Freud dá um exemplo das psicoses em que esta instância é visível na síndrome de influência. Freud diz que a instância do supereu não existe, só podemos supô-la. A consciência cumpre esta função. A sintomatologia paranoide é esclarecida pelo reconhecimento desta instância. Os doentes deste tipo queixam-se de ser vigiados, de ouvir vozes. Freud diz que esta queixa encontra-se justificada. Uma tal potência que observa, descobre e critica nossas intenções existe.

Segundo Lacan, Freud diz que se tal instância existe, não é possível que seja qualquer coisa que não teríamos descoberto. Ele a identifica com a censura. Reencontra esta instância no delírio de influência, em que ela se confunde com aquela que comanda os atos do sujeito. Essa vigilância do eu que Freud valoriza, perpetuamente presente no sonho, é o guardião do sono. Essa participação residual do eu é, como todas as instâncias a que Freud se refere nesse lugar sob o título de censura, uma instância que fala, uma instância simbólica.

Leclaire – Freud faz uma tentativa de síntese em que é abordada a discussão do sentimento de si no indivíduo normal e no neurótico. O sentimento de si tem três origens – a satisfação narcísica primária, a satisfação do desejo de onipotência, e a gratificação recebida dos objetos de amor. Freud fala que o desenvolvimento do eu consiste num afastamento do narcisismo primário e engendra um esforço para readquiri-lo. Esse afastamento é feito por meio de um deslocamento da libido para um ideal do eu imposto pelo exterior, e a satisfação resulta da realização deste ideal.

Lacan fala que isso seria a estruturação.

Leclaire – esse deslocamento da libido para um ideal deveria ser precisado porque ou esse deslocamento da libido faz-se para uma imagem do eu, para uma forma do eu que se chama ideal, porque ela não é semelhante à que esteve presente ou chama-se ideal do eu alguma coisa que está para além da forma do eu, que é um ideal e se aproxima mais da ideia, da forma.

Leclaire repete a frase de Freud – O desenvolvimento do eu consiste num afastamento do narcisismo primário, e engendra um esforço para reconquistá-lo.

Hypollite questiona se afastamento seria *Entfernung* (remoção)? E Lacan diz que sim.

Hypollite pergunta se deveria compreender isso como engendramento do ideal do eu?

Lacan diz estar na estruturação onde se desenvolve toda experiência analítica, junção do imaginário e do simbólico.

## **Parte 2**

Lacan parte de um animal, um animal também ideal, bem-sucedido – o mal sucedido é o animal que chegamos a capturar. O animal ideal dá uma visão de completude. É nisto que está a sedução dessa forma viva.

O desenvolvimento do funcionamento instintivo mostra a importância da imagem. O sujeito animal macho ou fêmea é como que captado por uma *Gestalt*. O sujeito identifica-se literalmente ao estímulo desencadeador. O macho é preso na dança em zigue-zague, a partir da relação que se estabelece entre ele mesmo e a imagem que comanda o desencadeamento do ciclo do seu comportamento sexual. A fêmea é presa nesta dança recíproca.

A manifestação natural desse mundo fechado a dois, imaja a conjunção da libido objetal e da libido narcísica. A ligação de cada objeto ao outro é feita da fixação narcísica a esta imagem porque é esta imagem que ele esperava. Na ordem dos seres vivos, só o parceiro da mesma espécie pode desencadear essa forma especial que se chama comportamento sexual. Com algumas exceções.

No mundo animal, todo o ciclo do comportamento sexual é dominado pelo imaginário. Por outro lado, é no comportamento sexual que vemos manifestar-se a maior possibilidade de deslocamento, mesmo no animal. Já mostrou-se uma imagem falsa e ao apresentá-la, desencadeia a conduta sexual. A possibilidade de deslocamento, a dimensão imaginária, ilusória, é essencial a tudo que é da ordem dos comportamentos sexuais.

No homem é igual?

Lacan retoma o aparelho.

Lacan lembra que já mostrou o fenômeno físico da imagem real que pode ser reproduzida pelo espelho esférico, ser vista no seu lugar, inserir-se no mundo dos objetos reais.

Está aí o fenômeno imaginário que Lacan detalhou no animal. O animal faz coincidir um objeto real com a imagem que está nele. A coincidência da imagem com um objeto real a reforça, lhe dá corpo. Neste momento, desencadeiam-se comportamentos que guiarão o sujeito para o seu objeto, por intermédio da imagem.

No homem, as manifestações da função sexual se caracterizam por uma desordem eminente. Não há nada que se adapte. Essa imagem em volta da qual os psicanalistas se deslocam, apresenta, quer se trate de neurose ou perversão, uma espécie de fragmentação, despedaçamento. Há como que um jogo de esconde-esconde entre a imagem e seu objeto normal – se é que adotamos o ideal de uma norma no funcionamento da sexualidade.

No esquema de Lacan, a imagem real só pode ser vista de maneira consistente num certo campo do espaço real do aparelho, o campo diante do aparelho constituído pelo espelho esférico e o buquê invertido.

Lacan situa o sujeito na borda do espelho esférico. A visão de uma imagem no espelho plano é exatamente equivalente, para o sujeito, ao que seria a imagem do objeto real para um espectador que estivesse para além desse espelho, no lugar mesmo em que o sujeito vê sua imagem. Assim, pode-se substituir o sujeito por um sujeito virtual, SV, situado no interior do cone que delimita a possibilidade da ilusão – é o campo  $x'y'$ . O aparelho de Lacan mostra que se estivermos colocados num ponto muito próximo da imagem real, podemos vê-la, num espelho, no estado de imagem virtual. É o que se produz no homem.

O sujeito virtual, reflexo do olho mítico, o outro que somos, está lá onde vimos inicialmente nosso ego – fora de nós, na forma humana. Essa forma está fora de nós, não enquanto feita para captar um comportamento sexual, mas enquanto ligada à impotência primitiva do ser humano. O ser humano não vê sua forma realizada, total, a miragem de si mesmo, a não ser fora de si.

Aquilo que o sujeito, que existe, vê no espelho, é uma imagem, nítida ou fragmentada, inconsistente, descompletada. Isso depende da sua posição em relação à imagem real. É só no cone que se pode ter uma imagem nítida.

Isso representa a difícil acomodação do imaginário no homem.

Lacan propõe pensar que a inclinação do espelho é comandada pela voz do outro. Isso



não existe ao nível do estádio do espelho, mas é em seguida realizada pela relação com outrem no seu conjunto – a relação simbólica. A regulação do imaginário depende de algo que está situado de modo transcendente, transcendente sendo a ligação simbólica entre os seres vivos.

Ligação simbólica é que socialmente nos definimos por intermédio da lei. É da troca dos símbolos que situa-se uns em relação aos outros diferentes eus – você é você, e eu sou eu. Esses diferentes eus estão numa certa relação simbólica, que é complexa, segundo os diferentes planos como em uma sala de aula ou uma viagem, por exemplo.

É a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê. É a palavra que define maior ou menor grau de perfeição do imaginário. A distinção é feita nessa representação entre o eu-ideal e o ideal do eu. O ideal do eu comanda o jogo de relações de que depende toda a relação a outrem. E dessa relação a outrem depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária.

Segundo a inclinação do espelho, a imagem no espelho esférico é mais ou menos bem-sucedida no centro ou nas bordas. Pode conceber que possa ser modificada. Como a boca original se transforma em falô? Isso significa que no homem, nenhuma regulação imaginária que seja eficaz e completa pode se estabelecer senão pela intervenção de outra dimensão. O que busca, pelo menos miticamente, a análise.

Qual o meu desejo? Qual a minha posição na estrutura imaginária? Esta posição só é concebível se um guia se encontre para além do imaginário, ao nível do plano simbólico, da troca legal que só pode se encarnar pela troca verbal. Esse guia que comanda o sujeito é o ideal do eu.

A distinção nos permite conceber o que se passa na análise no plano imaginário e que se chama transferência.

Para apreendê-lo é preciso compreender o que é o amor. O amor é um fenômeno que se passa no nível imaginário, e que provoca uma subdução do simbólico, uma espécie de anulação, de perturbação do ideal do eu.

O ideal do eu é o outro enquanto falante, o outro enquanto tem uma relação simbólica, sublimada que no manejo dinâmico, é ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária. A troca simbólica é o que liga os seres humanos entre si e que permite identificar o sujeito.

O ideal do eu, enquanto falante, pode vir situar-se no mundo dos objetos ao nível do eu ideal, ao nível em que se pode produzir essa captação narcísica. No momento em que essa confusão se produz, não há mais nenhuma espécie de regulação possível do aparelho. Ou seja, quando se está apaixonado, se é louco.

É o seu próprio eu que se ama no amor, o seu próprio eu realizado ao nível imaginário.

A produção da transferência tem um caráter universal, verdadeiramente automático, enquanto as exigências do amor são, ao contrário, tão específicas. Como se explica que na relação analítica, a transferência se produza, pode-se dizer antes mesmo que a análise tenha começado? Claro que não é a mesma coisa antes e durante a análise.

## **Cap. 12 – Zeitlich (cronologia temporal)-Entwicklungsgeschichte (embriologia/ desenvolvimento)**

### **Parte 1**

Lacan explica que o esquema ótico construído por ele se presta a uso diversos e afirma que Freud indicou na Interpretação dos Sonhos e no Esboço que era a partir dos fenômenos imaginários que deviam ser concebidas as instâncias psíquicas. Na Interpretação, Freud fez o esquema das camadas em que se inscrevem percepções e lembranças, umas compondo o consciente, outras o inconsciente, vindo se projetar com a consciência e eventualmente fechar o circuito estímulo resposta através de que se tentava, naquela época, fazer compreender o circuito do vivente.

Para Lacan, pode-se dar à imagem real, a qual existe em função de conter, e ao mesmo tempo de excluir um certo número de objetos reais, a significação dos limites do eu.

Quando o animal está preso no ciclo de um comportamento instintivo, produz-se nele uma opacificação da percepção do mundo exterior. O animal fica preso em certas condições imaginárias, que é onde lhe seria mais útil não se enganar que o logramos (enganamos) facilmente.

É necessário construir um aparelho mais complexo para o homem .

Lacan retoma o tema hegeliano fundamental – o desejo do homem é o desejo do outro.

Para Lacan, isto que está expresso no modelo do espelho plano. É aí que reencontramos o estágio do espelho, momento de virada que parece no desenvolvimento em que o indivíduo faz da sua própria imagem no espelho, de si mesmo, um exercício triunfante. Se trata aí de uma apreensão antecipada do domínio.

O primeiro momento em que se marca o descolamento do homem em relação a sua própria libido. Faz com que haja uma diferença entre satisfação de um desejo e a corrida em busca do acabamento do desejo. O desejo é negatividade, introduzida num momento de virada. O desejo é apreendido inicialmente no outro, e da maneira mais confusa.

O sujeito localiza e reconhece originalmente o desejo por intermédio não só da sua própria imagem, mas também do corpo do ser semelhante. É na medida em que é no corpo do outro que ele reconhece o seu desejo que a troca se faz. É na medida em que o seu desejo passou para o outro lado, que ele assimila o corpo do outro e se reconhece como corpo.

Nada permite afirmar que o animal tenha uma consciência separada de seu corpo como tal.

Para Lacan, a distinção da consciência e do corpo faz-se na brusca inversão de papéis que ocorre na experiência do espelho quando se trata do outro.

Nos reconhecemos como corpo na medida em que os outros, indispensáveis para reconhecer o nosso desejo, tem também um corpo ou que o temos como eles.

O que o homem reconhece e fixa na imagem do outro é um desejo despedaçado. O aparente domínio da imagem do espelho lhe é dado, pelo menos virtualmente, como total. É um domínio ideal.

É o Eu ideal. O seu desejo, ao contrário, não está construído. O que o sujeito encontra inicialmente no outro é uma série de alienações do desejo – de um desejo ainda em pedaços.

A teoria da libido em Freud é feita da conservação, da composição progressiva de um certo número de pulsões parciais, que conseguem ou não conseguem chegar a um desejo amadurecido.

O corpo como desejo despedaçado se procurando, e o corpo como ideal de si, se reprojeta do lado do sujeito como corpo despedaçado, enquanto ele vê o outro como corpo perfeito. Para o sujeito, um corpo despedaçado é uma imagem essencialmente desmembrável do seu corpo.

O real está aquém do espelho. Além do espelho, há inicialmente o imaginário primitivo da dialética especular com o outro.

Essa dialética introduz a dimensão mortal do instinto de morte, em dois sentidos. Inicialmente, a captação libidinal comporta para o indivíduo um valor mortal, na medida em que está submetida ao x da vida eterna. Em segundo lugar, o instinto de morte toma no homem uma significação outra pelo fato de que sua libido é originalmente forçada a passar por uma etapa imaginária.

O homem tem uma impotência na origem da vida. O homem está submetido a uma imagem do mestre que confunde-se nele com a imagem da morte.

Esse funcionamento permite mostrar as correlações possíveis da noção de regressão tópica com a regressão que Freud chamou zeitlich (cronologia) -Entwicklungsgeschichte (embriologia) – o que mostra o quanto Freud estava embaraçado com a relação temporal – ele diz zeitlich (cronologicamente), isto é, temporal, depois um traço e – da história do desenvolvimento, enquanto se sabe que a contradição interna há entre o termo Entwicklung (evolução) e o termo geschichte (história). Freud conjuga estes três termos e virem-se.

## **Parte 2**

Dr. Pierre – comenta o texto “Complementos metapsicológicos à doutrina dos sonhos” e acredita que Freud teria dito ser instrutivo estabelecer um paralelo entre certos sintomas mórbidos, e os protótipos normais que permitem estudar, por exemplo, o luto e a melancolia, o sonho e o sono e certos estados narcísicos.

Dr. Pierre – Freud estuda o sonho para aprofundar a pesquisa de certos fenômenos como os que se encontram nas afecções narcísicas, na esquizofrenia, por exemplo.

Dr. Pierre – Freud diz que o sono é um estado de desnudamento psíquico, que leva o

dormidor a um estado análogo ao estado primitivo fetal, e o leva a se desnudar de toda uma parte da organização psíquica.

No narcisismo do sujeito, a essência do sono, acedemos ao caráter desmontável do eu humano, tão impreciso quanto os seus limites. A ideia do caráter ambíguo dos limites do eu, é colocada em primeiro plano, enquanto porta de entrada ao estudo metapsicológico do sonho.

Dr. Pierre – Freud, quando estuda as psicoses, constata que a cada vez é colocado em presença de regressões temporais, destes pontos para os quais cada caso volta nas etapas da sua própria evolução. Constata tais regressões, uma na evolução do eu e outra na evolução da libido. A regressão da evolução da libido no sonho levará ao restabelecimento do narcisismo primitivo. A regressão da evolução do eu no sonho levará à satisfação alucinatória do desejo.

Dr. Pierre – No sonho, é sempre a pessoa do dormidor que é o personagem central e quem desempenha o papel principal.

Lacan falou da troca que se produz entre a imagem do sujeito e a imagem do outro enquanto libidinizada, narcisizada na situação imaginária. É possível reconhecer no sonho a pessoa própria do dormidor no estado puro. No estado de vigília, ao contrário, não perceberá as sensações do corpo capaz de anunciar quando dorme, alguma coisa de interno, de cenestésico.

O ego como poder de desconhecimento é o fundamento da teoria analítica.

No sonho, o que é manifesto é a composição. A elaboração do sonho faz com que o sujeito seja capaz de evocar o que é manifesto. Mas o que compõe o sonho é algo que é inconsciente. O desejo inconsciente é como a força diretora que forçou todos os investimentos lúcidos a se organizarem de certa maneira. Essa composição chega ao conteúdo manifesto, a uma miragem que não responde em nada ao que devemos reconstruir, e que é o desejo inconsciente.

### **Parte 3**

Lacan retoma o aparelhinho.

O sujeito toma consciência do seu desejo no outro, por intermédio da imagem do outro que lhe dá a fantasia do seu próprio domínio. Poder-se-ia reduzir o sujeito a uma personagem instantânea, apreendida na relação à imagem antecipada dele mesmo, independente de sua evolução. Mas resta o fato de que é um ser humano, que nasceu em um estado de impotência, e que, muito precocemente a linguagem, lhe serviram de apelo, quando era dos seus gritos que dependia a sua comida. Muito precocemente essa relação ao outro é, pelo sujeito, nomeada.

O homem se torna humano no momento em que entra na relação simbólica.

A relação simbólica é eterna pelo fato de que o símbolo introduz um terceiro elemento na mediação, que situa as duas personagens em presença, os faz passar a um outro plano e os modifica.

Antes que um filho esteja em condições de pronunciar as palavras pai e filho, todo o sistema humano em volta os define, com todas as consequências que isso comporta, como filho.

A dialética do eu ao outro é colocada em um plano superior pela simples função do sistema de linguagem. A lei em cada instante da sua intervenção, cria algo novo. Cada situação é transformada pela sua intervenção, salvo quando fala-se para não dizer nada.

A linguagem está colada às primeiras experiências porque é uma necessidade vital que faz com que o meio do homem seja um meio simbólico.

No modelo de Lacan, para conceber a incidência da relação simbólica, basta supor que é a intervenção das relações de linguagem que produz as viradas do espelho, as quais apresentarão ao sujeito, no outro, figuras diferentes do seu desejo. Há conexão entre a dimensão imaginária e o sistema simbólico, na medida em que aí se inscreve a história do sujeito, não o desenvolvimento (Entwicklung), mas a história (Geschichte), ou seja, aquilo em que o sujeito se reconhece correlativamente no passado e no futuro.

Na análise, pode-se pensar que se está procurando o passado do paciente, quando, ao contrário, é em função de que o doente tem um futuro que se pode ir no sentido regressivo.

É em função da constituição simbólica da história do ser humano que se produzem as variações em que o sujeito é suscetível de tomar imagens variadas, despedaçadas, e mesmo, no caso, inconstituídas, regressivas dele mesmo.

Lacan diz ter revalorizado a fórmula ambígua de Freud Zeitlich-Entwicklungsgeschichte. Mas limita-se à história, porque é em razão de certas particularidades da história do sujeito que há certas partes da imagem real ou certas fases bruscas. Trata-se de uma relação móvel.

No jogo analítico, certas faces da imagem real nunca poderão ser dadas na imagem virtual. Ao contrário, tudo que é acessível por simples mobilidade do espelho na imagem virtual, o que se pode ver da imagem real na imagem virtual, é o pré-consciente. As partes da imagem real que nunca serão vistas é o inconsciente.

Por um lado, o inconsciente é alguma coisa de negativo, de idealmente inacessível. Por outro lado, é algo de quase real. É algo que será realizado no simbólico.

Freud explica inicialmente o recalque como uma fixação. Mas, no momento da fixação, não há nada que seja o recalque. A *verdrängung* (recalque) é sempre uma *nachdrängung* (recalque secundário).

Para explicar a volta do recalado em um sintoma, Lacan diz que o sintoma, se apresenta inicialmente como um traço, que nunca será mais do que um traço, e que ficará sempre incompreendido até que a análise tenha ido longe, e que tenha compreendido o seu sentido. Assim como a *verdrängung* (o recalque), não é nunca senão uma *nachdrängung* (um recalque secundário), o que vemos sob a volta do recalado é o sinal apagado de algo que só terá o seu valor no futuro, pela sua realização simbólica, a sua integração na história do sujeito.

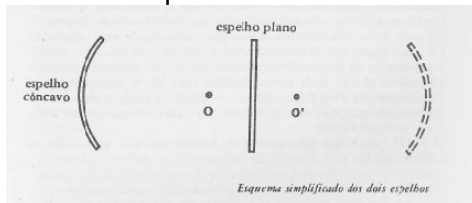
### **Cap. 13 – A balança do desejo ( balança de braços desiguais)**

Para Lacan, uma concepção permanece mal centrada com ensinamentos não sistematizados e não-formulados. Lacan propõe a leitura de três artigos de Sachs, Alexandre e Rado, retomados do simpósio de Berlim.

Lacan coloca em primeiro plano as elaborações da teoria do ego pela tróica americana, Hartmann, Loewenstein e Kris. A função do eu desempenha aí cada vez mais o papel problemático que já tem nos escritos do terceiro período de Freud limitado ao período mediano de 1910-1920, ao longo do qual começa a se elaborar, com a noção do narcisismo, o que será a última teoria do eu. É em torno das últimas formulações de Freud que se centraram as teorias do tratamento que foram dadas a partir de 1920.

#### **Parte 1**

Para Lacan, o aparelhinho por ele criado mostrou como se podia conceber que a imagem real que se forma graças ao espelho côncavo se produz no interior do sujeito, num ponto que ele chama O. O sujeito vê essa imagem real como uma imagem virtual no espelho plano em O' na medida em que se encontra colocado numa posição virtual simétrica em relação ao espelho plano.



É preciso partir de O e O'. Aqui se trata do que se relaciona com a constituição do Eu ideal e não do Ideal do Eu, se trata da origem imaginária, especular do Eu. É porque a formação do objeto e do eu são correlativos e possuem uma aparição contemporânea, que nasce o problema do narcisismo. Neste momento da teoria de Freud, a libido aparece submetida a

outra dialética que não a sua, e que, é a do objeto.

O narcisismo não é a relação do indivíduo biológico com seu objeto natural, que seria enriquecida e complicada. Há um investimento especial narcísico. É um investimento libidinal no que pode ser concebido de outra forma que não uma imagem do ego.

#### **Parte 2**

Eu é um termo verbal, cujo uso é aprendido numa certa referência ao outro, que é uma referência falada.

O eu se constitui inicialmente numa experiência de linguagem, em referência ao tu, e isso numa relação em que o outro manifesta ordens, desejos que ela deve reconhecer, do seu pai, da sua mãe, dos educadores.

O adulto tem de procurar seus desejos. Sem o que não teria necessidade de análise. O que nos indica que está separado do que se relaciona ao seu eu, a saber, do que pode fazer reconhecer de si mesmo.

Eu digo - não sabe nada. Esta ignorância é uma noção dialética, porque é somente na perspectiva da verdade que ela se constitui como tal.

Na análise, a partir do momento em que engaja-se o sujeito numa pesquisa da verdade, começa a constituir a ignorância. O analista cria esta situação, e por tanto essa ignorância. Essa

ignorância não é uma simples ignorância. É o que é expresso no processo de *verneinung* (denegação), e que, se chama desconhecimento.

Desconhecimento não é ignorância. O desconhecimento representa uma certa organização de afirmações e de negações, a que o sujeito está ligado.

No homem, diferente de um animal, há uma anarquia das pulsões.

A atitude da criança entre seis a 18 meses na presença de um espelho nos ensina sobre a relação fundamental à imagem do indivíduo humano. A jubilação da criança diante do espelho. O mais importante não é o aparecimento desse comportamento com seis meses, mas o seu declínio com 18 meses. O comportamento muda para não ser mais do que uma experiência entre as outras.

No momento do declínio do complexo de Édipo, produz-se introjeção.

Esse termo se emprega quando se produz uma inversão - o que era fora se torna dentro, o que era o pai se torna o supereu.

No momento em que desaparece, o estágio do espelho apresenta uma analogia com esse momento de báscula que se produz em certos momentos do desenvolvimento psíquico. Há um momento em que é pela mediação da imagem do outro que se produz na criança a assunção jubilatória de um domínio que ela não obteve ainda. Esse domínio, o sujeito se mostrar inteiramente capaz de assumi-lo no interior.

Quando Freud fala do ego, não se trata de não sei o que de determinante, de imperativo por onde ele se confundiria com o que se chamam instâncias superiores.

A imagem da forma do outro é assumida pelo sujeito. Está situada no interior, essa superfície através da qual se introduz a relação com o fora do dentro através de que o sujeito se sabe, se conhece como corpo. Essa é a diferença da psicologia humana e animal, o homem se sabe como corpo, quando não há nenhuma razão para que se saiba, porque ele está dentro. O animal também está, mas não temos razão para pensar que o representa para si mesmo.

É no movimento de báscula, de troca com o outro que o homem se apreende como corpo, forma vazia do corpo. Tudo que está nele como estado de puro desejo, desejo originário, inconstituído, o que se exprime no choro da criança - é invertido no outro que ele aprenderá a reconhecê-lo. Só aprende quando se coloca em jogo a comunicação.

Essa anterioridade é lógica, não é menos fundamental porque nos permite distinguir os planos do simbólico, do imaginário e do real.

Antes que o desejo aprenda a se reconhecer pelo símbolo, ele só é visto no outro.

Antes da linguagem, o desejo só existe no plano da relação imaginária, projetado, alienado no outro.

O desejo do sujeito só pode se confirmar através de uma rivalidade com o outro, quanto ao objeto para o qual tende. E cada vez que nos aproximamos num sujeito, dessa alienação primordial, se engendra a mais radical agressividade - o desejo do desaparecimento do outro enquanto suporte do desejo do sujeito.

A relação que existe entre o sujeito e o seu protótipo, o seu Eu ideal, por onde entra na função imaginária e aprende a se conhecer como forma, sempre pode bascular. Cada vez que o sujeito se apreende como forma e como eu, o seu desejo se projeta para fora.

Mas, o sujeito está no mundo do símbolo, no mundo de outros que falam. Seu desejo é suscetível da mediação do reconhecimento sem o que toda função humana poderia esgotar-se na aspiração indefinida da destruição do outro como tal.

Inversamente, cada vez que no fenômeno do outro, algo aparece que permite de novo o sujeito re-projetar, nutrir a imagem do Eu Ideal, cada vez que o sujeito é cativado por um de seus semelhantes, o desejo volta no sujeito. Mas volta verbalizado.

Cada vez que se produzem as identificações objetivas do Eu Ideal, aparece o fenômeno da *Verliebtheit* (amorosidade). A diferença entre a *Verliebtheit* e a transferência é que a *Verliebtheit* não se produz automaticamente.

No Eu e o Isso, Freud fala que o eu é efeito da sucessão das suas identificações com os objetos amados que lhe permitiram tomar a sua forma. A estrutura do ser humano no plano imaginário é destruir aquele que é a sede da alienação.

### **Parte 3**

Não se pode compreender a saída masoquista do ser humano sem a dimensão simbólica.

Ela se situa no ponto de junção entre o imaginário e o simbólico. É nesse ponto que se estrutura o masoquismo primordial. É aí que é preciso situar a pulsão de morte, que é constituinte da posição fundamental do sujeito humano.

Freud situou o masoquismo primordial em um jogo de carretel da infância. O jogo da bobina se acompanha de uma vocalização que é característica do que é o fundamento da linguagem para os linguistas e que permite apreender o problema da língua, uma oposição simples.

O importante não é que a criança diga Fort/Da. É que há aí uma primeira manifestação da linguagem. Nesta oposição fonemática, a criança introduz num plano simbólico o fenômeno da presença e da ausência. Torna-se mestre da coisa na medida em que a destrói.

O momento em que o desejo se humaniza é o momento em que a criança nasce para a linguagem.

Desde a introdução do não, da recusa do outro, em que o sujeito aprende a constituir a negativização do simples apelo, a introdução do símbolo, inverte as posições. A ausência é evocada na presença, e a presença na ausência.

É na medida em que o símbolo permite esta inversão, anula a coisa existente, que ele abre o mundo da negatividade, o qual constitui, o discurso do sujeito humano e a realidade do seu mundo enquanto humano.

O masoquismo originário deve ser situado em torno desta primeira negativização, desse assassínio original da coisa.

#### **Parte 4**

O desejo, alienado, é perpetuamente reintegrado de novo, reprojetoando no exterior o Eu Ideal. É assim que o desejo se verbaliza. Há um jogo de balança entre duas relações invertidas. A relação especular do ego, que o sujeito assume e realiza, e a projeção, sempre pronta a ser renovada, no Eu Ideal.

A relação imaginária primordial dá o quadro fundamental de todo erotismo possível. A relação objetual deve sempre submeter-se ao quadro narcísico e se inscrever nele.

O desejo só é reintegrado numa forma verbal.

Na técnica analítica rompe-se a relação de obediência ao outro. Associação livre são as amarras da conversa com o outro que procuramos cortar. A partir de então, o sujeito encontra-se com mobilidade em relação ao universo da linguagem no qual o engajamos. Enquanto acomoda seu desejo em presença do outro, produz-se no plano imaginário essa oscilação do espelho que permite a coisas imaginárias e reais que não têm o hábito de coexistir para o sujeito, reencontrarem-se numa certa simultaneidade.

### **Cap. 14 – As flutuações da libido**

#### **Parte 1**

A primeira alienação do desejo está ligada ao fenômeno original, especular da relação ao outro. Se o jogo é valorizado para a criança, é porque constitui o plano de reflexão sobre o qual ela vê manifestar-se no outro uma atividade que antecipa a sua, pelo fato de que é mais bem dominada que a dela, a sua forma ideal. Esse primeiro objeto é valorizado.

O objeto humano é mediatizado pela via da rivalidade, pela relação de prestígio e de prestância. Já é uma relação da ordem da alienação que é primeiro no rival que o sujeito se apreende como eu.

O homem sabe que ele é um corpo. Essa imagem é o gargalo pelo qual o feixe confuso do desejo e das necessidades deverá passar para aceder à sua estrutura imaginária.

A fórmula “o desejo do homem é desejo do outro” vale no plano da captação imaginária, mas não se limita a isso.

Há entre os seres humanos uma relação destrutiva e mortal.

É preciso aprofundar a noção de agressividade. Agressividade não é agressão. É no limite, virtualmente, que a agressividade se resolve na agressão. A agressão é um ato existencial ligado a uma relação imaginária.

O desejo é, no sujeito humano, realizado no outro, pelo outro. Está aí o segundo tempo, o tempo especular, o momento em que o sujeito integrou a forma do eu. Mas só pode integrá-la após um primeiro jogo de balança em que trocou o seu eu por esse desejo que vê no outro. Desde

então, o desejo do outro, que é o desejo do homem, entra na mediação da linguagem. É no outro, pelo outro, que o desejo é nomeado. Entra na relação simbólica do eu e do tu, numa relação de reconhecimento recíproco e de transcendência, na ordem de uma lei já inteiramente pronta para incluir a história de cada indivíduo.

O símbolo emerge, e torna-se mais importante que o objeto.

Os desejos da criança passam inicialmente pelo outro especular. É aí que são aprovados ou reprovados, aceitos ou recusados. E é por aí que a criança faz o aprendizado da ordem simbólica e acede ao seu fundamento, a lei.

### **Parte 2**

A palavra é uma roda de moinho por onde incessantemente o desejo humano se mediatiza, entrando no sistema da linguagem.

A construção do eu é explicada por Lacan através da relação imaginária ao outro, O-O'.

A primeira emergência do objeto genital não é menos prematura do que tudo que se possa observar no desenvolvimento da criança, e ela fracassa. Só que a libido que se relaciona ao objeto genital não é do mesmo que a libido primitiva, cujo objeto é a própria imagem do sujeito.

É na medida em que a criança aparece no mundo prematura que tem uma relação libidinal primitiva à sua imagem. A libido que está em causa é da ordem da *liebe*, do amor.

Há uma mudança de nível na relação do ser humano à imagem, ao outro. É o ponto pivô em torno do qual gira todo drama edípico.

É na medida em que a libido primitiva chega à maturidade que a relação à imagem narcísica passa para o plano da *verliebtheit* (relação amorosa). A imagem narcísica alienante no plano imaginário, encontra-se investida da *verliebtheit*, que se destaca fenomenologicamente do registro do amor.

A reação agressiva à rivalidade edípica está ligada a essas mudanças de nível. O pai constitui inicialmente uma das figuras imaginárias mais manifestas do Eu Ideal, investido de uma *verliebtheit*. É na medida em que há regressão da posição libidinal, que o sujeito atinge a fase edípica, entre três e cinco anos que aparece o sentimento de agressão, de rivalidade e de ódio contra o pai. Uma pequena mudança libidinal em relação a um certo limite, transforma o amor em ódio – isso oscila durante certo tempo.

Há na relação analítica dois sujeitos ligados por um pacto. Esse pacto se estabelece em níveis diversos.

No interior desta relação, trata-se inicialmente de romper as amarras da palavra.

Para o sujeito, a desinserção da sua relação ao outro faz variar, oscilar, completa e descompleta a imagem do seu eu. Trata-se de que o sujeito constitua, por retomadas e identificações sucessivas, a história do seu eu.

Na análise, o ponto em que se focaliza a identificação ao nível da imagem narcísica, é o que se chama a transferência. A transferência não no sentido dialético, mas a transferência como fenômeno imaginário.

Balint diz que o progresso da análise consiste na tendência do sujeito a reencontrar o que chama o amor primário. O sujeito experimenta a necessidade de ser objeto do amor, do interesse de outro objeto, sem ter nenhuma consideração em relação à necessidade ou mesmo à existência desse objeto.

Nestas condições, no fim de análise, produz-se no sujeito um estado de narcisismo que vai a uma exaltação sem freios dos desejos.

Lacan questiona se não estaria aí um ideal utópico que decepciona em alguma coisa.

### **Parte 3**

Para ele, o que se negligencia na análise é a palavra como função de reconhecimento. A palavra é a dimensão por onde o desejo do sujeito é autenticamente integrado no plano simbólico. É somente quando ele se nomeia diante do outro que o desejo é reconhecido no sentido pleno. Não se trata da satisfação do desejo, nem de amor primário, mas, do reconhecimento do desejo.

Dora é uma histérica, Freud naquele momento não conhece suficientemente o que ele chama componente homossexual. Ele não se apercebeu da posição de Dora, do que era o objeto de Dora. Não se apercebeu de quem em O' há para ela a Sra. K.

Freud faz intervir o próprio ego, a concepção do que ele tem daquilo para que é feita uma menina – uma menina é feita para amar meninos. Se há algo que atormenta, que está

recalcado, só pode ser aos olhos de Freud – ela ama o Sr. K.

O que teria acontecido se, em vez de fazer intervir sua palavra em O', colocar em jogo o próprio ego com a finalidade de modelar Dora, Freud tivesse mostrado que era a Sra. K que ela amava? Se Freud tivesse dito que ela se enamorava da Sra. K, ela ter-se-ia enamorado efetivamente. É essa a finalidade da análise? Para Lacan, não, é somente a sua primeira etapa.

Freud ensinou que a palavra deve ser encarnada na própria história do sujeito. Se o sujeito não a encarnou, se essa palavra é amordaçada e se encontra latente nos sintomas do sujeito, o analista deve entregá-la ou não?

Não é isso que Freud quis dizer quando falou de analisar as resistências.

Se Freud tivesse permitido ao sujeito nomear seu desejo ter-se ia produzido, em O', o estado de *verliebtheit*. Mas não se deve omitir que o sujeito teria sabido que era Freud que tinha lhe dado esse objeto de *verliebtheit*. Não é aí que termina o processo.

Quando esta báscula se fez, pela qual o sujeito, ao mesmo tempo que a sua palavra, reintegra a palavra do analista, um reconhecimento lhe é permitido do seu desejo. Isso não se produz numa única vez.

A relação do analista e do Eu Ideal coloca a questão do supereu. Lacan diz que será necessário aprofundar a função do Eu Ideal de que o analista ocupa o lugar um tempo na medida em que faz a sua intervenção no momento certo.

### **Cap. 15 – O núcleo do recalque**

Para Lacan, é somente a partir do sentido da análise que se pode enunciar uma técnica.

#### **Parte 1**

O que se encarna no movimento de vai e vem que exprimem as duas flechas, de O a O', e de O' a O, é o espelhamento do aquém ou além do espelho por onde passa a imagem do sujeito. Ao mesmo tempo, o sujeito reintegra o seu desejo. E cada vez que um novo passo é dado na organização dessa imagem, é na forma de uma tensão que o sujeito vê o seu desejo surgir em si mesmo. Há tantas revoluções quantas forem necessárias para que as diferentes fases da identificação imaginária, narcísica, especular deem uma imagem no ponto.

Isso não esgota o fenômeno porque nada é concebível sem a intervenção desse terceiro elemento: a palavra do sujeito.

O desejo é pelo sujeito sentido – não pode sê-lo sem a conjunção da palavra. O desejo emerge numa confrontação com a imagem. Quando esta imagem, que tinha sido descompletada, se completa, quando a face imaginária que estava não-integrada, recalçada, surge, então a angústia prevalece. É o ponto fecundo.

Na análise, o desejo do sujeito está ali, na situação, ao mesmo tempo presente e inexprimível.

Há no caso do Homem dos Lobos complemento importantes à teoria do recalque.

O recalque está, no caso do Homem dos Lobos, ligado a uma experiência traumática que é a de uma copulação entre os pais numa posição a tergo. Essa cena nunca pode ser evocada, lembrada pelo paciente, é reconstruída por Freud. A posição copulatória só pode ser restituída a partir das consequências traumáticas sobre o comportamento do sujeito.

É da introdução do sujeito na dialética simbólica que todas as saídas podem ser esperadas. O mundo simbólico não cessará de exercer sua atração diretiva em toda a sequência do desenvolvimento desse sujeito porque haverá mais tarde momentos de solução feliz, na medida em que intervirão em sua vida momentos que ensinam. O que Freud mostra é que na medida em que o drama subjetivo é integrado num mito que tem um valor extenso, e mesmo universal, que o sujeito se realiza.

A neurose infantil do Homem dos Lobos desempenha o mesmo papel que uma psicanálise, realiza a integração do passado, e coloca em função no jogo dos símbolos a própria *Prägung* (gravação em relevo), que ali só é atingida no limite, por um jogo retroativo, *nachträglich* (só depois).

O trauma enquanto tem ação recalcante, intervém só depois. Naquele momento, algo se destaca do sujeito no próprio mundo simbólico que ele começa a integrar. Daí por diante, aquilo não será mais algo do sujeito. O sujeito não o falará mais. Não obstante, ficará lá, em alguma parte, falado por algo de que o sujeito não tem controle. Será o primeiro núcleo dos seus



sintomas.

Entre a cunhagem e o recalçamento, não há nenhuma diferença essencial.

Há apenas uma diferença: naquele momento, ninguém está lá para lhe dar a palavra. O recalque começa, depois de ter constituído o seu primeiro núcleo. Há agora um ponto central em torno do qual poderão se organizar os sintomas, os recalques sucessivos e a volta do recalçado (o recalque e a volta do recalçado são a mesma coisa).

### **Parte 2**

Para Lacan, Balint e uma tendência de análise chegam a pensar que, ou o ego é forte, ou é fraco. Se é fraco, precisam reforçá-lo.

Para Lacan, o ego é uma função imaginária. Se o ego é uma função imaginária, não se confunde com o sujeito.

O sujeito que fala, é capaz de mentir. Quer dizer que ele é distinto do que diz.

A dimensão do sujeito que fala, do sujeito enganador, é o que Freud descobre no inconsciente.

Segundo Lacan, Freud mostra que há no sujeito humano algo que fala, que fala no pleno sentido da palavra, algo que mente, em conhecimento de causa, e independente do que traz a consciência.

Essa dimensão não se confunde com o ego. O eu é destituído de sua posição absoluta no sujeito. O eu assume estatuto de miragem, como o resto, não é mais do que um elemento das relações objetivas do sujeito.

### **Parte 3**

Há uma função essencial no processo de integração simbólica da história pelo sujeito, uma função em relação à qual o analista ocupa uma posição significativa. Essa função é chamada de supereu. O supereu apareceu inicialmente na história da teoria freudiana sob a forma de censura. Desde a origem, o sintoma e as funções inconscientes da vida cotidiana estão na dimensão da palavra. A censura tem a missão de enganar por meio da mentira. Não é por acaso que Freud escolheu o termo censura. Trata-se de uma instância que cinde o mundo simbólico do sujeito, corta-o em dois, numa parte acessível, reconhecida, e numa parte inacessível, interdita. É essa noção que se encontra no registro do supereu.

Comumente, o supereu é pensado no registro de uma tensão e é por pouco que esta tensão não é levada a referências puramente instintivas, como o masoquismo primordial por exemplo. Freud vai mais longe. Em O Eu e o Isso, afirma que, quanto mais a conduta é moral, mais o supereu exagera a pressão, se torna mais severo. É uma observação clínica que não é universalmente verdadeira.

De maneira geral, o inconsciente é, no sujeito, uma cisão do sistema simbólico, uma alienação induzida pelo sistema simbólico. O supereu é uma cisão análoga, que se produz no sistema simbólico integrado pelo sujeito. Esse mundo simbólico não é limitado ao sujeito, porque se revela numa língua que é a língua comum, o sistema simbólico universal, na medida em que estabelece o seu império sobre certa comunidade à qual pertence o sujeito. O supereu é uma cisão enquanto se produz para o sujeito – mas não somente para ele – nas relações dele com a lei.

No progresso da análise, é na aproximação dos elementos traumáticos – fundado numa imagem que nunca foi integrada – que se produzem os buracos, os pontos de fratura da história do sujeito. É a partir destes buracos que o sujeito pode se reagrupar nas diferentes determinações simbólicas que fazem dele um sujeito que tem uma história. Igualmente para todo ser humano, é na relação à lei à qual ele se liga que se situa tudo o que lhe pode acontecer de pessoal. Sua história é unificada pela lei, pelo seu universo simbólico, que não é o mesmo para todos.

A tradição e a linguagem diversificam a referência do sujeito. Um enunciado discordante, ignorado na lei, um enunciado promovido ao primeiro plano por um evento traumático, que reduz a lei a uma ponta cujo caráter é inadmissível, inintegrável eis o que é esta instância cega, repetitiva que é definida habitualmente pelo termo supereu.

Todos os analistas testemunham que não há nenhuma realização possível de análise que não venha se ligar no fim em torno da coordenada legal que se chama Complexo de Édipo.

Uma vez realizado o número de voltas necessárias para que os objetos do sujeito apareçam, e sua história imaginária seja completada, uma vez que os desejos angustiantes do

sujeito estejam nomeados e reintegrados, nem por isso tudo está acabado. O que esteve inicialmente em O e depois em O', depois de novo em O, deve ir se reportar no sistema completado dos símbolos. A saída da análise o exige.

### **Cap. 16 – Primeiras intervenções sobre Balint**

Lacan pede que Granoff possa trazer informações colhidas na leitura do livro de Balint que se chama Amor primário e técnicas psicanalíticas.

#### **Parte 1**

A oposição entre dois modos de amor. Há inicialmente o modo pré-genital – amor pré-genital – centrado na noção de que se trata de um amor para o qual o objeto não tem nenhum interesse em si mesmo. O sujeito não lhe reconhece nenhuma exigência. O amor primário, estado posterior, é caracterizado como a rejeição de toda a realidade, a recusa em reconhecer as exigências do parceiro.

A concepção de Balint se centra numa teoria do amor moralizante.

Para Balint, o caráter controla as relações do homem aos seus objetos. O caráter significa sempre uma limitação mais ou menos extensiva das possibilidades de amor e de ódio. O caráter significa limitação da capacidade para o amor e para a alegria.

Lacan critica a existência de um puritanismo crescente da atmosfera analítica.

Balint se dá conta de que deve existir algo entre dois sujeitos, Como lhe falta o aparelho conceptual para introduzir a relação intersubjetiva, é levado a falar de “psicologia de dois corpos”. Mas, psicologia de dois corpos é uma relação de objeto a objeto.

Balint está petrificado em uma relação dual e negando-a.

Balint propõe um apagamento do registro simbólico. Esse registro desaparece a relação de objeto, e ao mesmo tempo o registro imaginário também.

### **Cap. 17 – Relação de objeto e relação intersubjetiva**

Para Lacan, a concepção de Balint se relaciona a uma tradição húngara que teve como principal personalidade Ferenczi. Ferenczi, por sua vez, introduziu questões que podem ser agrupadas em torno da expressão psicanálise ativa.

Freud sempre admitiu que, em certos casos, é preciso saber intervir ativamente colocando interdições – *A sua análise não pode continuar se você se entregar a tal atividade que, saturando em alguma medida a situação, esteriliza no sentido próprio do termo o que se pode passar na análise.*

Balint pertence à tradição que desabrocha em torno das questões colocadas pela relação entre o paciente e o analista, concebida como uma situação inter-humana que implica pessoas e por esse motivo certa reciprocidade. Essas questões se enunciam em termos de transferência e contratransferência.

Balint situa-se em uma época caracterizada por um aumento na análise da noção de relação de objeto.

#### **Parte 1**

O centro perspectivo de Balint na elaboração da noção de relação de objeto é que a relação de objeto é a que conjuga um objeto que a satisfaz.

Na sua concepção, um objeto é antes de tudo um objeto de satisfação.

A relação de objeto fundamental satisfaz para Balint a forma plena. Ela lhe é dada de maneira típica no que chama amor primário, nas relações da criança com a mãe.

A relação mãe criança é apresentada como ponto de partida de uma complementaridade do desejo. Há cooptação direta dos desejos, que se encaixam um no outro. As discordâncias nunca são senão acidentes.

Para Lacan, esta definição da relação mãe criança opõe-se a um estado primitivo, dito de auto-erotismo, que admitem os textos de Freud.

Para Freud, há uma etapa do desenvolvimento em que o sujeito infantil só conhece sua própria necessidade, no sentido de que não tem relação com o objeto que o satisfaz.

#### **Parte 2**

Para Balint, a relação genital, no que ela tem que ser acabado, é teorizada do mesmo modo que a relação mãe criança. Na satisfação genital acabada, a satisfação de um se satura na

satisfação do outro.

Balint não pode pensar as coisas de uma outra forma a partir do momento em que o objeto é definido como objeto de satisfação.

O que faz a diferença do amor genital em relação ao amor primário é o acesso à realidade do outro como sujeito. O sujeito leva em conta a existência do outro como tal.

Balint foi forçado a fundar no amor primário uma dimensão original do estado genital que comporta essa relação complexa a outrem pela qual a copulação se torna amor. Ele passou o tempo até definir o amor primário como uma relação objetual fechada sobre si mesma, sem intersubjetividade. Depois, quando chega ao genital, quer fazer surgir no amor primário algo de que compor a relação intersubjetiva. Para Lacan, esta é a contradição da doutrina de Balint.

### **Parte 3**

Para Lacan, a análise fez uma descoberta positiva sobre o desenvolvimento libidinal que foi dizer que a criança é um perverso polimorfo.

Antes da normalização genital cujo primeiro esboço gira em torno do complexo de Édipo, a criança está entregue a fases que se conotam com o termo pulsões parciais. São as suas primeiras relações libidinais com o mundo. Sobre este esboço, a psicanálise começa a aplicar a noção de relação de objeto, a qual é tomada na da frustração.

Não há uma única forma de manifestação perversa cuja estrutura não se sustente na relação intersubjetiva.

Lacan utiliza como exemplo a relação sádica, seja como forma imaginária ou como forma clínica paradoxal.

A relação sádica só se sustenta na medida em que o outro está no limite em que continua sendo sujeito. Se não há mais nada além de uma carne que reage, não há relação sádica. A relação sádica implica que o consentimento do parceiro seja aprisionado – sua liberdade, sua humilhação.

A maior parte da soma clínica conhecida como perversão fica no plano de uma conexão somente lúdica. Na miragem do jogo, cada um se identifica ao outro. A intersubjetividade é a dimensão essencial.

Para Lacan, Sartre faz uma apresentação excelente sobre a fenomenologia da apreensão de outrem porque faz girar a demonstração em um fenômeno fundamental a que ele chama o olhar.

As manifestações a que Lacan denomina como perversas estão longe de se confundirem com o reconhecimento (pivô da relação simbólica). São formas ambíguas.

Lacan traz como exemplo o amor, o amor como inteiramente preso na intersubjetividade imaginária, exige a participação no registro do simbólico, a troca liberdade pacto, que se encarna na palavra dada. Aí se escalona uma zona com distintos planos de identificações e várias nuances que agem entre o imaginário e o simbólico.

Ao contrário da perspectiva de Balint, para Lacan, é preciso partir da intersubjetividade radical, da admissão total do sujeito pelo outro. É retrospectivamente a posteriori, a partir da experiência adulta que deve-se abordar as experiências originais supostas, sem sair do domínio da intersubjetividade. Na medida em que fica-se no registro analítico, é preciso admitir a intersubjetividade na origem.

A perversão implica a intersubjetividade imaginária. Lacan tenta apreender a perversão através do duplo olhar que faz com que eu veja que o outro me vê, e que um terceiro intervindo me vê sendo visto. Não há nunca uma simples duplicidade do termo. Não é somente que eu vejo o outro, eu o vejo me ver, o que implica o terceiro termo, a saber, que ele sabe que eu o vejo. O círculo está fechado. Há sempre três termos na estrutura.

Balint pensa que a criança não reconhece o outro, senão em relação à sua própria necessidade. Para Lacan, um erro.

A intersubjetividade na criança se manifesta no fato de que ela pode se servir da linguagem.

A criança se serve da função simbólica, graças à qual é possível fazer entrar na sala os elefantes seja qual for a estreiteza da porta. - Capa do livro

A intersubjetividade é, de início, dada pelo manejo do símbolo. Tudo parte da possibilidade de nomear, que é, ao mesmo tempo, destruição da coisa e passagem da coisa ao plano simbólico,

graças ao que o registro propriamente humano se instala. É aí que se produz, de maneira mais ou menos complicada, a encarnação do simbólico no vivido imaginário. O simbólico modelará todas as inflexões que, no vivido do adulto, pode tomar o engajamento imaginário, a captação originária.

Para a criança, inicialmente há o simbólico e o real. Tudo que se se compõe e se enriquece no registro imaginário parte destes dois polos. Na criança, o imaginário está lá. Mas é inacessível. Ele só é acessível a partir das realizações no adulto.

A história passada, vivida, do sujeito, que procura atingir na análise só pode ser atingida pela linguagem infantil do adulto. Assim, numa análise o que faz participar a criança no interior do adulto é o que é verbalizado de maneira irruptiva.

## **Cap. 18 – A Ordem Simbólica**

Lacan fala da fenomenologia da relação perversa. Acentua o sadismo e a escopofilia (obter prazer pelo olhar – se torna perversão no exibicionismo e no voyeurismo). Fez girar o estudo da relação intersubjetiva imaginária em torno do fenômeno do olhar.

O olhar não se situa simplesmente ao nível dos olhos. Os olhos podem não aparecer, estar mascarado.

Lacan introduziu a experiência do sadismo. Mostrou que no olhar do ser que atormento, devo sustentar o desejo por um desafio de cada instante. Se não está acima da situação, o desejo cai na vergonha. Também é verdadeiro para a relação escopofílica.

### **Parte 1**

Para Lacan, a perversão não é simplesmente uma aberração em relação a critérios sociais, anomalia contrária aos bons costumes, mesmo que este registro não esteja ausente, ou atipia em relação a critérios naturais, ou seja, que ela altera/anula mais ou menos a finalidade reprodutora da conjunção carnal. Ela é outra coisa na estrutura mesma.

A perversão se situa no limite do registro do reconhecimento e é isso que a fixa, a estigmatiza como tal. Estruturalmente, a perversão delineada no plano do imaginário, só pode se sustentar em um estatuto precário que, a cada instante, do interior, é contestado para o sujeito.

A incerteza fundamental da relação perversa, que não tem como se estabelecer em nenhuma ação satisfatória, faz uma face do drama da homossexualidade. Mas é esta estrutura que dá a perversão o seu valor.

A perversão é uma experiência que permite aprofundar o que se pode chamar paixão humana, aquilo em que o homem está aberto a divisão com ele mesmo que estrutura o imaginário, a relação especular.

A relação intersubjetiva que subtende o desejo perverso só se sustenta da anulação ou do desejo do outro ou do desejo do sujeito.

O desejo perverso se suporta do ideal de um objeto inanimado. Mas ele não pode se contentar com a realização deste ideal. Desde que o realiza, perde o objeto. Sua satisfação é condenada a se realizar pela extinção do desejo ou pelo desaparecimento do objeto.

A experiência da análise é a exploração dos becos sem saída da experiência imaginária, dos seus prolongamentos porque repousam na estrutura do corpo enquanto define como tal uma topografia concreta. Na história do sujeito aparecem momentos fecundos, temporizados, em que se revelam os diferentes tipos de frustração. São as falhas, as hiências aparecidas no desenvolvimento que definem os momentos fecundos.

Para Lacan, algo falha quando se fala de frustração. O próprio sujeito sente o mau objeto como frustração e a frustração é sentida no outro.

Há uma relação recíproca de anulação, uma relação mortal estruturada por estes dois abismos – seja que o desejo se apaga, seja que o objeto desaparece. Por isso, que Lacan retoma a dialética do senhor e do escravo.

### **Parte 2**

A relação do senhor e do escravo é um exemplo limite, o registro imaginário em que se desdobra só aparece no limite da experiência. A experiência analítica não é total. É definida no plano simbólico.

Hegel dá conta do laço inter-humano. Há uma das faces que é a luta e o trabalho e é neste aspecto que Hegel se centra para estruturar num mito original a relação fundamental, no plano definido por ele como negativo, marcado de negatividade.

A sociedade humana não é fundada em nenhum laço objetivável. Não se trata, na relação do senhor e do escravo, de domesticação do homem pelo homem. O senhor se engajou na luta por puro prestígio e arriscou sua vida. Esse risco estabelece sua superioridade e é em nome disso que é reconhecido como senhor pelo escravo.

Mas, o reconhecimento do senhor pelo escravo não lhe vale nada já que o escravo é alguém que ele não reconhece como homem. Lacan reconhece nesta dialética que parece sem saída uma afinidade com o impasse da situação imaginária.

A partir da situação mítica (plano do imaginário), uma ação se organiza, e se estabelece a relação do gozo e do trabalho. Uma lei se impõe ao escravo que é de satisfazer o desejo e o gozo do outro. O escravo tem que ir ao trabalho onde há leis, regras e horários e assim entramos no plano do simbólico.

O domínio do simbólico não está em uma simples relação de sucessão com o domínio imaginário, cujo pivô é a relação intersubjetiva mortal. O mito só é concebível quando sitiado pelo registro do simbólico. No mito hegeliano, a morte não é estruturada como temor, é estruturada como risco, como aposta. Há, desde o início, entre o senhor e o escravo uma regra do jogo.

A relação intersubjetiva, que se desenvolve no imaginário, está ao mesmo tempo, na medida em que estrutura uma ação humana, implicitamente implicada numa regra do jogo.

Em toda análise da relação intersubjetiva, o essencial não é o que é visto. O que a estrutura, é o que não está ali.

O símbolo só vale se se organiza num mundo de símbolos.

### **Parte 3**

Lacan explica que a análise feita por ele teve como objetivo revirar a perspectiva psicológica que reduz a relação intersubjetiva a uma relação interobjetal. Chega-se ao artigo de Balint Sobre a transferência das emoções que para Lacan, anuncia o plano delirante que Balint desenvolve.

Neste artigo, Balint trata da resistência e da transferência. A resistência é por ele relacionada à linguagem – é tudo que altera, retarda ou interrompe completamente. Não se tira conclusões e passa-se ao fenômeno da transferência.

Balint, segundo Lacan, define a transferência como algo que existe no interior do paciente, então é forçosamente sentimentos ou emoções. O problema é mostrar como estas emoções se projetam, se simbolizam.

Balint define a transferência como transferência de emoções. Mas, para ele as emoções se transferem sobre um objeto inanimado.

Para Lacan, se ficar no plano de dois corpos como propõe Balint na psicologia de dois corpos, não se pode realizar nenhuma simbolização satisfatória.

Lacan explica que é a palavra que instaura a mentira. É porque introduz o que não é, que pode introduzir o que é. Somente com as palavras é que há coisas que são – verdadeiras e falas – e coisas que não são. Lacan propõe um *triângulo com três vértices* – um deles com a *mentira*, outro a *equivocação* e não o erro, por fim, a *ambiguidade* a que, pela sua natureza, a palavra é destinada. A palavra é por essência ambígua.

A noção de ser mostra-se tão inapreensível quanto a palavra. O ser, o verbo mesmo, só existe no registro da palavra.

Lacan concorda com Balint que na situação de transferência, trata-se do valor da palavra, não mais enquanto cria a ambiguidade fundamental, mas enquanto é função do simbólico, do pacto que liga os sujeitos uns aos outros numa ação. A ação humana está fundada na existência do mundo do símbolo, nas leis e nos contratos. É nesse registro que Balint faz girar a situação entre ele, como analista e o sujeito.

A transferência comporta incidências, projeções das articulações simbólicas, mas se situa inteira na relação simbólica.

A experiência da palavra é constituída na análise por regras paradoxais, porque é de um diálogo que se trata, mas de um diálogo tão monólogo quanto possível.

### **Parte 4**

O progresso de uma análise não diz respeito ao aumento do campo do ego, não é uma reconquista pelo ego da franja de desconhecimento, é uma inversão, um deslocamento executado entre o ego e o isso.

Na análise, trata-se um declínio imaginário do mundo. *É então que o contingente cai* – o acidental, o traumatismo, os obstáculos da história – e é o ser que vem a se constituir.

## **Cap. 19 – A função criativa da palavra**

### **Parte 1**

Alexsander, segundo Lacan, escreve sobre a lógica das emoções onde parte de um esquema lógico simbólico conhecido em que Freud deduz as diversas formas de delírios (Caso Schreber), segundo formas de negar *Eu o amo - Não sou eu que o amo – Não é ele que eu amo – Eu não o amo – Ele me odeia – É ele que me ama* – o que dá a gênese de diversos delírios – o de ciúme, o passional, o persecutório, o erotomaniaco etc. É numa estruturação simbólica porque comporta variações gramaticais elaboradas, que apreende as transformações que se produzem na ordem pré consciente.

A significação de uma palavra é dada pela soma dos seus empregos.

Para Lacan, é com isso que se deve a ver na análise.

O surgimento do símbolo cria uma ordem de ser nova nas relações entre os homens.

### **Parte 2**

Quando se está na ordem da palavra, tudo que instaura na realidade uma outra realidade, no limite, só adquire sentido e ênfase em função dessa ordem mesma. Se a emoção pode ser deslocada, inibida, se está engajada em uma dialética, é que está presa na ordem simbólica, donde as outras ordens, imaginária e real, tomam lugar e se ordenam.

Uma palavra não é uma palavra a não ser na medida exata em que alguém acredita nela.

A palavra é o meio de ser reconhecido. Ela está antes de qualquer coisa. Por isso, é ambivalente e insondável. Há linguagem nos animais na medida em que há alguém para compreendê-la.

### **Parte 3**

Para Lacan, a transferência não é um fenômeno ilusório.

A palavra institui-se como estrutura do mundo semântico que é o da linguagem. A palavra não tem um único sentido nem um único emprego. Toda palavra sustenta muitas funções e envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer e, atrás do que ele quer dizer, há um outro querer dizer, e nada será nunca esgotado – a palavra tem função criadora e faz surgir a coisa mesma, que não é nada senão um conceito.

O conceito é o que faz com que a coisa esteja, não estando.

A relação do conceito à coisa é o que faz com que a coisa seja coisa e que o fato seja simbolizado. Fala-se sempre de coisas.

Lacan lembra que Hegel deduz que o conceito é o tempo da coisa.

A partir disso, Lacan acredita estar no coração do problema do que Freud avança quando diz que o inconsciente se coloca fora do tempo. Ele se coloca fora do tempo como o conceito, porque é o tempo de si mesmo, e pode como tal reproduzir a coisa numa certa modulação, de que qualquer coisa pode ser o suporte material. Não se trata de outra coisa no automatismo da repetição.

A modulação do tempo sendo idêntica, a palavra do analista tem o mesmo valor que a palavra antiga.

Esse valor é o valor da palavra.

O elemento tempo é uma dimensão constitutiva da ordem da palavra.

Se o conceito é o tempo, deve-se analisar a palavra e procurar os múltiplos sentidos dela, mas isso não é sem fim. O que se revela por último, a última palavra, o último sentido, é a forma temporal com a qual Lacan entretém, e que é uma palavra. O último sentido da palavra do sujeito diante do analista é a sua relação existencial diante do objeto do seu desejo.

O de que se trata na análise da transferência é saber em que ponto da presença a palavra é plena.

### **Parte 4**

Segundo Lacan, o momento da obra de Freud em que aparece a palavra transferência é na sétima parte da Psicologia dos processos dos sonhos, da Interpretação dos sonhos. Trata-se de demonstrar, na função do sonho, a superposição das significações de um material significante. Freud mostra como a palavra, isto é, a transmissão do desejo, pode se fazer reconhecer através

de qualquer coisa, desde que essa qualquer coisa seja organizada em sistema simbólico. Está aí o caráter durante muito tempo indecifrável do sonho. É por esta razão também que não se soube durante muito tempo compreender os hieróglifos – não os compunham no sistema simbólico dele, não se percebia que uma pequena silhueta humana podia querer dizer um homem, mas podia também representar o som homem, e, como tal, entrar numa palavra a título de sílaba.

O que Freud chama transferência é o fenômeno constituído pelo fato de que, para um certo desejo recalcado pelo sujeito, não há tradução direta possível. Esse sujeito é interditado ao seu modo de discurso, e não pode se fazer reconhecer. Há entre os elementos do recalque algo que participa do inefável. Há relações essenciais que nenhum discurso pode exprimir, senão nas entrelinhas.

Os lapsos, os buracos, as repetições do sujeito, exprimem também, mas agora espontaneamente, a maneira pela qual o discurso se organiza. É o que deve-se ler.

Na primeira definição da transferência, Freud fala *Tagesreste* (material significante fonemático esvaziado de sentido – resíduos diurnos) que são, desinvestidos do ponto de vista do desejo. É um fenômeno de linguagem.

Os melhores sonhos são os que ocorreram ao longo de uma análise e tendem a falar ao analista.

É também o que deve esclarecer sobre a significação própria do termo *acting out*. Toda ação na sessão, *acting out* ou *acting in* está incluída no contexto da palavra. *Acting out* é o que quer que se passe no tratamento.

Para Lacan, faz-se necessário fazer uma análise de *acting out* e fazer uma análise de transferência, isto é, encontrar num ato o seu sentido de palavra. Na medida em que se trata para o sujeito de se fazer reconhecer, um ato é uma palavra.

### **Cap. 20 – De locutionis significatione (Da significação da palavra)**

É somente no plano simbólico que a função da transferência pode ser compreendida. Em torno desse ponto central ordenam-se todas as manifestações que aparecem até o domínio do imaginário.

O de que se trata na transferência é da tomada de posse de um discurso aparente por um discurso mascarado, o discurso do inconsciente. Esse discursos se apossa desses elementos esvaziados que são os *Tagesreste* (material significante fonemático esvaziado de sentido) e de tudo que, na ordem do pré-consciente, se torna disponível, por um investimento mínimo dessa necessidade do sujeito que é a de se fazer reconhecer. É nesse vazio que se exprime o discurso secreto encontrados nos sonhos, nos lapsos e em toda a psicopatologia da vida cotidiana.

É a partir daí que deve-se escutar aquele que fala. Só deve-se referir à definição do discurso do inconsciente, que é o discurso do outro, para compreender como ele reencontra autenticamente a intersubjetividade nessa realização plena da palavra que é o diálogo.

O fenômeno fundamental da relação analítica é a relação de um discurso a um outro que o toma como suporte. Encontra-se assim o princípio fundamental da semântica, de que todo semantema (elemento que dá sentido à palavra) reenvia ao conjunto do sistema semântico, à polivalência dos empregos. Para tudo que é da linguagem, enquanto ela é humana, quer dizer utilizável na palavra, não há nunca univocidade do símbolo. Todo semantema sempre tem muitos sentidos.

Toda significação não faz senão reenviar a uma outra significação.

O significante é o material audível, o que nem por isso quer dizer o som. É do fonema que se trata, do som em oposição a outro som, num interior de um conjunto de oposições.

Cada vez que se fala, se diz a coisa, o significável, através do significado. Há aí um engano porque a linguagem não é feita para designar as coisas. Mas esse engano é estrutural na linguagem humana e, num certo sentido, é nele que está fundada a verificação de toda verdade.

A significação deve ser definida pelo conjunto dos seus empregos possíveis. Isso pode estender-se a grupos de termos, e não há uma teoria da língua, segundo Lacan, se não se levam em conta os empregos dos grupos, das locuções, das formas sintáticas também. Mas há aí um limite, e é este – que a frase não tem emprego. Há duas zonas de significação.

Essas zonas de significação são importantes porque formam uma maneira de definir a diferença entre a palavra e a linguagem.

Lacan explicita que o que fala sobre o significante e o significado pode ser encontrado no texto de Santo Agostinho: “De magistro”.

### **Parte 1**

Lacan traduz “locutionis significatione” encontrada no texto de Santo Agostinho citado acima por “da significação da palavra” porque depois o próprio significado traz esse sentido. Palavra é aí, para Lacan, empregada no sentido lato (sentido amplo), é a linguagem colocada em função na locução, e mesmo a eloquência (falar bem). Não é nem a palavra plena, nem a palavra vazia, é o conjunto da palavra.

Santo agostinho procura mostrar que todas as palavras são nomes. Explica que toda palavra pode ser usada como nome em uma frase.

O sacerdote e psicanalista francês Beirnaert situa o diálogo *De Magistro* composto por Santo Agostinho. Este diálogo comporta dois interlocutores: Santos Agostinho e o filho Adeodato (o filho do pecado) que tinha 16 anos.

O tema do diálogo é que a linguagem transmite a verdade do fora pelas palavras que soam fora, mas que o discípulo vê sempre a verdade dentro.

A primeira parte a significação da palavra e a segunda o Cristo é o único mestre de verdade.

A primeira parte é subdividida em duas: a primeira, mal traduzida por *Do valor das palavras* – mas trata-se de outra coisa porque não se pode identificar signum e verbum. A segunda seção é traduzida por *Os signos não servem de nada para aprender*.

Para Lacan, o importante da primeira parte do diálogo é mostrar que é impossível manejar a linguagem referindo termo a termo o signo a coisa. Freud quando define o inconsciente em *Mal estar na civilização*, fala dos monumentos da Roma desaparecida. Trata-se de coisas que desaparecem na história, mas que, ao mesmo tempo ficam presentes, ausentes.

Na interpretação, interpreta-se as reações atuais do sujeito enquanto tomadas no discurso. Quando Freud interpreta os movimentos, os gestos, e pretensamente as emoções, é disso que se trata.

Santo Agostinho mostra que pela palavra podem-se designar outros signos que não a palavra, por exemplo gestos, letras, etc.

Lacan concorda com os dois signos que não são palavras – gestos e escritas – e critica contemporâneos que chegam a considerar que o gesto não seria da ordem simbólica, mas situa-o no nível de uma resposta animal. O gesto faria uma objeção à tese de que a análise se passa inteira na palavra. Mas, para Lacan, um gesto está do lado da linguagem e não da manifestação motora.

As últimas questões de diálogo de Agostinho versam sobre os signos que se designam a si mesmos. Trata-se de aprofundar o signo verbal que joga em torno do nome e da palavra (palavra falada).

Lacan explica que poderia acontecer que um fenômeno isolado numa língua não designe nada. Mas, só pode sabê-lo pelo uso e pelo emprego, pela sua integração do sistema de significação.

O nome é a totalidade significante significado, enquanto serve para reconhecer, porque sobre ela se estabelece o pacto e o acordo. É o símbolo no sentido do pacto. O nome se exerce no plano do reconhecimento.

Lacan defende que o que não está em Santo Agostinho porque ele não conheceu Hegel, é a distinção entre conhecimento e reconhecimento. A dialética do reconhecimento é essencialmente humana.

*Santo Agostinho teria defendido que há possibilidade de ensinar coisas sem signos. O que se pode mostrar sem signos é significativo porque é sempre no seio de um universo, no qual já estão situados os sujeitos, que os procedimentos de um passarinho (caçador de passarinhos), por exemplo, tomam um sentido.*

### **Parte 2**

A arte do passarinho só pode existir num mundo estruturado pela linguagem.

Santo Agostinho não queria levar à preeminência das coisas sobre os signos, mas fazer duvidar da preeminência dos signos na função falante de ensinar. Santo Agostinho faz um apelo à dimensão espiritual. É porque Santo Agostinho quer nos engajar na dimensão da verdade que ele



abandona o domínio dos linguistas, para tomar este engano. Para Lacan, a palavra, desde que se instaura, se desloca na dimensão da verdade. Mas, a palavra não sabe que é ela que faz a verdade. Santo agostinho também não sabe e por isso procura a verdade por iluminação.

É em relação à verdade que se situa a significação de tudo que é emitido.

A palavra, tanto ensinada quanto ensinante está situada no registro da equivocação, do erro, da tapeação, da mentira. O sujeito que diz algo em análise, muitas vezes não sabe o que diz, e diz mais do que ele quer dizer.

É em torno dos três polos o erro, a equivocação, a ambiguidade da palavra que Santo Agostinho faz girar a sua dialética. É em função desta impotência dos signos para ensinar que Lacan se propõe a abordar a dialética fundadora da verdade da palavra.

Neste tripé, Lacan acredita não haver dificuldade em reconhecer as três grandes funções sintomáticas que Freud colocou em primeiro plano na descoberta do sentido – a *verneinung* (negação/denegação), a *verdichtung* (metáfora), a *verdrängung* (recalque). O que fala no homem vai além da palavra até penetrar nos sonhos, no ser e no organismo mesmo.

### **Cap. 21 – A verdade surge da equivocação**

Lacan lembra que não se pode dar conta da transferência como de uma relação dual, imaginária, e que o motor do seu progresso é a palavra.

O terceiro termo inserido por Lacan, que só permite conceber a transferência em espelho, é a palavra.

A análise é uma técnica da palavra e a palavra é o meio no qual ela se desloca.

#### **Parte 1**

Para Lacan, ao aprendermos a função do signo, somos sempre reenviados do signo ao signo porque o sistema dos signos, tal como instituídos concretamente forma por si mesmo um todo.

A linguagem só é concebível como uma rede sobre o conjunto das coisas, sobre a totalidade do real. Ela inscreve no plano do real o plano do simbólico.

Toda palavra introduz no real a dimensão da verdade.

Nada mais difícil que uma mentira que se sustente porque a mentira realiza a constituição da verdade.

O erro só é definível em termos de verdade. Não se trata de definir que não haveria erro se não houvesse verdade. Para Lacan, não há erro que não se coloque e não se ensine como verdade. O erro, para ele, é a encarnação habitual da verdade. Enquanto a verdade não for inteiramente revelada, será de sua natureza propagar-se em forma de erro.

A tapeação só é sustentável em função da verdade, e não somente da verdade, mas de um progresso da verdade e que as vias da verdade são por essência vias de erro.

O fundamento da estrutura da linguagem é o significante e o significado. Tomados um a um estão em uma relação que parece estreitamente arbitrária. Não há mais razão para chamar à girafa *girafa* e ao elefante *elefante*, do que para chamar à girafa *elefante* e ao elefante *girafa*. Se é um erro no sistema geralmente recebido, não é possível ser detectado, enquanto as definições não estão colocadas. E o que é mais difícil do que colocar as justas definições?

O erro se demonstra porque, num dado momento, chega a uma contradição. Uma contradição aparece no discurso e demonstra um erro. No discurso é a contradição que estabelece a separação entre a verdade e o erro.

Não pode-se conceber o discurso humano como unitário. Toda emissão de palavra está sempre, até certo ponto, numa necessidade interna de erro.

O sistema simbólico não é como uma vestimenta que se colaria às coisas, não deixa de ter efeito sobre elas e sobre a vida humana. Essa perturbação pode ser chamada de conquista, violação da natureza, hominização do planeta.

O sistema simbólico das ciências, para Lacan, vai em direção à *língua bem feita* que se pode dizer a própria língua, uma língua privada de toda uma referência a uma voz.

#### **Parte 2**

O característico do campo psicanalítico é supor que o discurso do sujeito se desenvolve normalmente na ordem do erro, do desconhecimento, e mesmo da denegação. São verdades de grosseiro bom senso. Mas durante a análise, nesse discurso que se desenvolve no registro do

erro, algo acontece por onde a verdade faz irrupção, e não é a contradição.

Na vida, pode-se ver a verdade pegar o erro por trás. Na análise, a verdade surge pelo que é o representante mais manifesto da equivocação – o lapsos.

Para Lacan: “nossos atos falhados são atos que são bem sucedidos, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam” (pág. 312). No interior das associações livres, imagens dos sonhos, sintomas, manifestam-se uma palavra que traz a verdade. “A verdade pega o erro pelo cangote, na equivocação”(pág. 312).

Na interpretação dos sonhos, Freud diz que um sonho é uma charada.

Num sonho, o conjunto dos pensamentos do sonho, dos sentidos do sonho, é tomado como uma rede e não se encontra representado termo a termo, mas por uma série de entrecruzamentos. O conjunto dos sentidos é representado pelo conjunto do que é significante. Cada elemento significante do sonho faz referência a uma série de coisas a significar e, inversamente, cada coisa a significar é representada por vários significantes.

Pela descoberta freudiana, passamos a escutar no discurso a palavra que se manifesta através, apesar mesmo, do sujeito.

A palavra que o sujeito emite vai, sem que ele o saiba, para além dos limites de sujeito discorrente.

### **Parte 3**

Para Lacan, é somente no movimento dialético da palavra do além do discurso que tomam sentido e se ordenam os seguintes termos:

*Verdichtung* (metáfora) – polivalência dos sentidos na linguagem pelos quais o mundo das coisas não é recoberto pelo mundo dos símbolos mas é retomado assim – a cada símbolo correspondem mil coisas, a cada coisa mil símbolos.

*Verneinung* (denegação) – mostra o lado negativo da não-superposição, porque é preciso fazer entrar os objetos nos buracos e como os buracos não correspondem, são os objetos que sofrem.

*Verdrangung* (recalque) – cada vez que há recalque, há uma interrupção do discurso. O sujeito diz que a palavra lhe falta.

O discurso corrente se choca sempre contra o desconhecimento, que é a mola da *verneinung* (denegação). O desejo recalcado que se manifesta no sonho se identifica a esse registro - é o ser que espera se revelar.

Essa perspectiva dá valor ao termo desejo – unifica o domínio do sonho, permite compreender os sonhos paradoxais.



Lacan desenha um diedro de seis faces iguais, umas em cima e outras embaixo de um plano. O plano mediano no qual se situa o triângulo que divide em duas a pirâmide, representa a superfície do real. No outro andar, tudo está mudado porque as palavras, os símbolos, introduzem um buraco graças ao qual todas as espécies de permissões são possíveis. As coisas tornam-se intercambiáveis.

O buraco no real chama-se o ser e nada. Esse ser e esse nada são ligados ao fenômeno da palavra. É na dimensão do ser que se situa a tripartição do simbólico, do imaginário e do real, categorias elementares.

É na dimensão do ser, e não na do real, que podem se inscrever as três paixões fundamentais – na junção do simbólico e do imaginário, essa fenda, essa aresta, que se chama o amor – na junção do imaginário e do real, o ódio – na junção do real e do simbólico, a ignorância.

A dimensão da transferência existe antes de qualquer começo de análise. As duas possibilidades do amor e do ódio não vão sem a terceira, normalmente negligenciada e que não se nomeia entre os componentes primários da transferência – a ignorância enquanto paixão. O sujeito que vem para a análise se coloca na posição daquele que ignora. Nenhuma entrada é possível na análise sem essa referência.

À medida que a palavra progride, edifica-se a pirâmide superior que corresponde à elaboração da *verdrangung* (recalque), *verdichtung* (metáfora) e a *verneinung* (denegação). E o ser se realiza.

A palavra incluída no discurso se revela graças à associação livre que o coloca em dúvida suspendendo a lei da não-contradição. Essa revelação da palavra é a realização do ser.

Para Lacan, a análise não é uma reconstituição da imagem narcísica a que é reduzida frequentemente. No esquema de Lacan, o ponto O vai em algum lugar atrás e, à medida que sua palavra o simboliza, se realiza no seu ser.

## **Cap. 22 – O conceito da análise**

### **Parte 1**

Lacan propõe uma renúncia ao uso da oposição do afetivo e do intelectual.

Lacan explica que ensina o sentido e a função da ação da palavra na medida em que é aí que está o elemento da interpretação. É a palavra que é o meio fundador da relação intersubjetiva, e que modifica retroativamente os dois sujeitos. É a palavra que, literalmente, cria o que os instaura na dimensão do ser que Lacan tenta entrever.

Não se trata de uma dimensão intelectual. Se o intelectual se situa em alguma parte, é ao nível dos fenômenos do ego, na projeção imaginária do ego, pseudoneutralizadora – pseudo no sentido de mentira - que a análise denunciou como fenômeno de defesa e de resistência.

### **Parte 2**

O amor se distingue do desejo, considerado como relação limite que se estabelece de todo organismo ao objeto que o satisfaz. Porque seu ponto de mira não é a satisfação, mas o ser. Por isso não se pode falar de amor senão onde a relação simbólica existe como tal.

O amor daquele que deseja ser amado, é essencialmente uma tentativa de capturar o outro em si mesmo, em si mesmo como objeto.

O desejo de ser amado é o desejo de que o objeto amante seja tomado como tal, submetido na particularidade absoluta como objeto. Aquele que aspira ser amado se satisfaz pouco com ser amado pelo seu bem. Sua exigência é ser amado tão longe quanto possa ir a completa subversão do sujeito numa particularidade, e no que essa particularidade possa ter de mais impensável. Queremos ser amados por tudo – não somente pelo eu, mas pela cor de cabelo, pelas fraquezas, por tudo.

Amar é amar um ser para além do que ele parece ser. O dom ativo do amor visa o outro, não na sua especificidade, mas no seu ser.

O amor, enquanto é uma das três linhas de separação na qual se engaja o sujeito quando se realiza simbolicamente na palavra, se dirige em direção ao ser do outro. Sem a palavra, enquanto ela afirma o ser, há somente *verliebtheit*, fascinação imaginária, mas não há amor. Há amor sofrido, mas não o dom ativo do amor.

O ódio é a mesma coisa. Há uma dimensão imaginária do ódio, na medida em que a destruição do outro é um polo da estrutura da relação intersubjetiva. A dimensão imaginária é enquadrada pela relação simbólica, e é por isso que o ódio não se satisfaz com o desaparecimento do adversário. Se o amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro, o ódio quer o contrário, seja o seu rebaixamento, seja o seu desvio, a sua subversão. É nisso que o ódio, como o amor, se constitui em uma carreira sem limite.

O ódio costuma se revestir no discurso de muitos pretextos.

Falar de amor e de ódio é designar as vias da realização do ser, não é a realização do ser, mas somente as vias.

Se o sujeito se engaja na pesquisa da verdade é porque se situa na dimensão da ignorância - pouco importa que o saiba ou não. Há no paciente abertura para a transferência pelo fato de que ele se coloca na posição de se confessar, e procura sua verdade no fim, no analista. No analista convém também considerar a ignorância.

O analista não deve desconhecer o poder de acesso ao ser da dimensão da ignorância, porque ele tem de responder àquele que, por todo seu discurso, o interroga nesta dimensão. Não tem de guiar um sujeito num saber, mas nas vias de acesso a esse saber. Deve engajá-lo em uma operação dialética, não dizer-lhes que se engana, mas mostra-lhe que fala mal, que fala sem saber, como um ignorante, porque são as vias do seu erro que contam.

A posição do analista deve ser a de uma douda ignorância, o que não quer dizer sábia, mas formal, e que pode ser, para o sujeito, formadora.

### **Parte 3**

Quando a transferência não é reconhecida, opera como um obstáculo ao tratamento, mas quando reconhecida, torna-se o melhor apoio do tratamento.

O trocadilho é a irrupção calculada do não-senso num discurso que parece ter sentido. É o ponto umbilical da palavra. O umbigo do trocadilho é o chiste.

Lacan explica que alguns autores querem compreender o fenômeno da transferência em relação ao real, enquanto fenômeno atual. Para ele, se tomarmos a transferência no plano do real, acontece que é um real que não é real, mas ilusório. Partindo das emoções, do afetivo e outros termos que designam fenômenos parcelares que se passam durante a análise, não se chega menos a algo de essencialmente intelectual. Proceder sobre essa base conduz a uma prática de doutrinação.

Outra forma de abordar o fenômeno da transferência é fazê-lo a nível do imaginário. A função do imaginário não é desconhecida na teoria analítica, mas introduzi-la apenas para tratar da transferência é equivocado porque ela está em todo lugar e, em particular, quando se trata da identificação. Mas, trata-se de não empregá-la o tempo todo e de qualquer forma.

A função do imaginário está em jogo no comportamento de todo par animal.

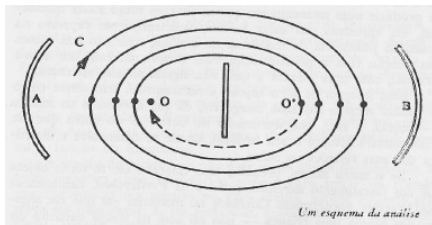
No homem, o imaginário é reduzido, centrado na imagem especular, que faz ao mesmo tempo os impasses e a função da relação imaginária.

A imagem do eu – pelo simples fato de que ele é imagem, o eu é eu ideal – resume a relação imaginária no homem. Essa imagem de si, o sujeito a reencontrará sem cessar como o quadro da sua apreensão do mundo – objeto, e isto, por intermédio do outro. É no outro que ele reencontrará sempre o seu eu ideal, donde se desenvolve a dialética das suas relações ao outro.

O fenômeno do investimento imaginário desempenha na transferência um papel pivô.

A transferência, que se estabelece na e pela dimensão da palavra, traz a revelação da relação imaginária ocorrida em certos pontos cruciais do encontro falado com o outro, com o analista. O discurso, através da associação livre, abre o sujeito a essa equivocação fecunda por onde a palavra verídica encontra o discurso do erro. Mas também, quando a palavra foge da revelação, da equivocação fecunda, e se desenvolve na tapeação, descobrem-se esses pontos que, na história do sujeito, não foram integrados, mas recalçados.

O sujeito desenvolve no discurso analítico sua história. Mas há buracos nesta história, onde se produziu o que foi *verworfen* (forclusão/ rejeição de um significante primordial) ou *verdankt* (veio, por um momento ao discurso e foi rejeitado. *Verworfen* – a rejeição foi original).



Um esquema da análise

Em O, Lacan situa a noção inconsciente do eu do sujeito. Esse inconsciente é feito do que o sujeito desconhece da imagem do seu eu.

Na análise, se trata que o sujeito possa totalizar os acidentes cuja memória é guardada em O, sob uma forma que está fechada ao seu acesso. Ela se abre apenas pela verbalização, pela mediação do outro, o analista. É pela

assunção falada de história que o sujeito se engaja na vida da realização do seu imaginário truncado.

Essa complementação do imaginário se realiza no outro à medida que o sujeito o assume no seu discurso, enquanto o faz ouvir pelo outro.

Tudo que se profere de A, lado do sujeito, se faz ouvir em B, lado do analista.

O analista o ouve, mas o sujeito também. A dialética giratória que Lacan propõe, aproxima sempre mais O' e O. O progresso do sujeito no seu ser deve levá-lo a O, por uma série de pontos que se repartem entre A e O.

Nessa linha, o sujeito, confessando a sua história na primeira pessoa, progride na ordem das relações simbólicas fundamentais em que tem de encontrar o tempo, resolvendo as paradas e as inibições que constituem o supereu. É preciso o tempo.

Para Lacan, as contradições aparentes a propósito da transferência como resistência e motor da análise, só se compreendem na dialética do imaginário e do simbólico.

Lacan fala da importância da existência de um tempo-para-compreender encontrado em Freud a propósito do *durcharbeiten* (necessidade de elaboração).

A transferência é o conceito mesmo da análise, porque é o tempo da análise.

A análise dita das resistências está sempre apressada em desvelar ao sujeito os patterns (padrões) do ego, as suas defesas, mas não faz o sujeito dar um passo a mais. Nesse caso, é preciso esperar.

#### **IV- Alguns termos em alemão**

Anehnungstypus - tipo secundário  
Arising - aparecimento  
Aufhebung - revogação  
Ausstossung – expulsão  
Bejahung - afirmação  
Bildung - formação  
Entfernung - remoção  
Entwicklung - evolução  
Erlebnis – experiência  
Gegenbild – imagem/ contrapartida  
Geschichte - história  
Hic et nunc – aqui e agora  
Ich ideal - ideal do eu  
Ideal Ich - eu ideal  
Nachträglich - só depois, a posteriori.  
Narzissmustypus - tipo narcisista  
Pattern – padrão  
Prägung – gravação em revelo  
Studien über hysterie – Estudos sobre a histeria  
Traumdeutung – Interpretação dos sonhos  
Übertragung – transferência  
Umwelt - mundo externo/ ambiente  
Unbewusste - inconsciente  
Unnenwelt - mundo interno  
Unterdrückung – repressão/ supressão  
Ur-ich – eu primitivo  
Urbild - protótipo, modelo  
Uverdrangung - recalque primário  
Verdichtung - metáfora  
Verdrängung - recalque  
Verleugnung - recusa  
Verliebtheit - apaixonamento ou fascinação imaginaria  
Verneinung – denegação/ suspensão do recalque sem sua aceitação  
Verworfen - rejeitado  
Vorbild - modelo  
Wiederkehr - retorno do recalcado  
Witz – chiste  
Zeitlich – cronologicamente  
Zur einföhrung des narzissmus - Introdução ao narcisismo

## **V – Outras referências bibliográficas**

- CADERNOS DE PSICANÁLISE ARTE & LITERATURA. A denegação na obra de Freud. Escola Freudiana de São Paulo, 1981.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FURTADO, Dilmas. Do sim e do não: comentários sobre denegação. *Revista Reverso*. Vol. 33. nº 61. Belo Horizonte, jun 2011.
- KLEIN, Melanie. *Obras completas de Melanie Klein*. Vol. I: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, Jacques. *O Seminário Livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1986.
- \_\_\_\_\_. Apêndice I: Comentário falado sobre “Verneinung” de Freud, por Jean Hyppolite. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- MILLER, Jacques-Alain. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Campo Freudiano no Brasil. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2002.
- QUINET, Antônio. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- ROSA JR., Norton. Lacan com Proust: o amor perverso enquanto um desejo que não ousa dizer o seu nome. In.: <https://seminariosclinicos.files.wordpress.com/2014/10/lacan-com-proust.pdf>.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.